

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS

**O CALENDÁRIO ROMANO E A PRIMAVERA**

ROBSON LUCENA CARNEIRO

João Pessoa

2020

ROBSON LUCENA CARNEIRO

## **O CALENDÁRIO ROMANO E A PRIMAVERA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca  
examinadora da Coordenação de Letras Clássicas da  
Universidade Federal da Paraíba.  
Data da defesa: 27/03/2020

### **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Milton Marques Júnior (Orientador)

---

Prof. Dr. Erick France Meira de Souza (Examinador)

---

Prof. Dr. Juvino Alves Maia Júnior (Examinador)

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

C289c Carneiro, Robson Lucena.

O Calendário romano e a primavera / Robson Lucena  
Carneiro. - João Pessoa, 2020.  
51 f.

Orientador : Milton Marques Júnior.  
TCC (Graduação) - Universidade Federal da  
Paraíba/Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes,  
2021.

1. Calendário. 2. Primavera. 3. Roma. 4. Fastos. 5.  
Ovídio. I. Marques Júnior, Milton. II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 821(37):006.95

## AGRADECIMENTOS

*A Deus e Nossa Senhora, por me terem concedido inteligência e força para superar as dificuldades durante a graduação.*

*A esta instituição, seu corpo docente, direção e administração e ao curso de Letras Clássicas, de extrema importância na vida acadêmica, e que me possibilitou galgar mais um degrau, expandiu minha percepção para novos horizontes, como também proporcionou um amplo conhecimento em diversas áreas através dos estudos das línguas e literaturas grega e romana.*

*A meu orientador Milton Marques Júnior, com imensa satisfação, pela disposição no tempo que lhe coube, por sua ajuda e incentivos para a conclusão deste trabalho.*

*À banca examinadora, composta pelos professores Erick France Meira de Souza e Juvino Alves Maia Júnior.*

*A meus pais e à minha família.*

*A meus amigos, de maneira especialíssima a Hamilton Medeiros, por toda a ajuda e amizade durante a caminhada acadêmica e pessoal. Também, além de Hamilton Medeiros, aos outros dois amigos de turma, sobreviventes, Thallyta Machado e Joel Pereira. A Luciene Brito, Alexsandra Moura, Mara Andrade, Adriana Freire, Josinaldo Santos, Júlio Martins, Frei Leandro Lima, Jéssica Maria, Edvânia Tavares, dentre tantos outros, que, nomeadamente, ou não, fazem parte da minha caminhada.*

*E a todos os outros que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, meus sinceros agradecimentos.*

## RESUMO

O presente trabalho apresentará uma análise referente ao calendário romano antigo, abordando os estudos de sua origem, de sua composição, de sua aplicação no cotidiano dos povos que o seguiam e também apontamentos de algumas de suas mudanças ao longo do tempo. A proposta desta monografia também se pauta em uma ponte de diálogo com a primavera e sua importância dentro da cultura ausônia, que herdou características e costumes de povos anteriores. Utilizando, assim, os *Fastos* de Ovídio como base principal, podemos observar com o autor latino, ao compor esse grande calendário poético formado por dísticos elegíacos, a ilustração singular do cerne do romano e de suas características principais, como festas e momentos dos âmbitos sociais e religiosos, e ainda uma fantástica intertextualidade com outros escritos célebres, como a *Eneida*, de Virgílio.

PALAVRAS-CHAVE: Calendário. Primavera. Roma. *Fastos*. Ovídio.

## ABSTRACT

This study presents an analysis relating the ancient roman calendar, approaching the studies of its origin, composition, application in the peoples' daily live who followed it, and also addressing some changes along the time. The aim of this monograph is also guided by a dialogue with the spring and its importance inside ausony culture. Thus, using the Ovid's *Fasti* as the main part of this study, it can be noticed with the latin author, when composed this large poetic calendar formed by elegiac couplets, that the singular illustration of the roman's essence and his main characteristics, as his parties and social and religious moments and, in addition, it can be noticed a fantastic intertextuality with other famous writings, as Vergil's *Aeneid*.

KEYWORDS: Calendar. Spring. Rome. *Fastos*. Ovid.

## SUMÁRIO

|                                                                        |           |
|------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO .....</b>                                                | <b>8</b>  |
| <b>CAPÍTULO I: CHAVE FUNDAMENTAL DO CALENDÁRIO: O TEMPO .....</b>      | <b>11</b> |
| <b>CAPÍTULO II: O CALENDÁRIO E SUAS FORMAS AO LONGO DO TEMPO .....</b> | <b>16</b> |
| 2.1 Primeiros registros temporais.....                                 | 16        |
| 2.2 Calendário egípcio .....                                           | 17        |
| 2.3 Calendário mesopotâmico.....                                       | 18        |
| 2.4 Calendário grego .....                                             | 19        |
| 2.5 Calendário latino .....                                            | 20        |
| <b>CAPÍTULO III: A PRIMAVERA .....</b>                                 | <b>26</b> |
| <b>CAPÍTULO IV: O CALENDÁRIO ROMANO E A PRIMAVERA.....</b>             | <b>35</b> |
| 4.1 O papel de Vênus no decorrer das ações Troia-Roma .....            | 35        |
| 4.2 Eneias .....                                                       | 36        |
| 4.3 Os deuses da cidade .....                                          | 39        |
| 4.4 A fundação de Roma.....                                            | 40        |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>                                       | <b>46</b> |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>                                | <b>48</b> |

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende analisar o calendário romano antigo. Perpassando os estudos de suas origens, de como foi configurado, observando a maneira como era aplicado no cotidiano dos povos que o seguiam, e também apontando algumas de suas mudanças ao longo do tempo, podemos construir uma boa estruturação acerca dessa temática do calendário. A proposta desta monografia também se pauta em uma ponte de diálogo do calendário com a primavera e sua importância dentro da cultura ausônia, que, por sua vez, herdou características e costumes dos povos anteriores.

Como fonte de embasamento para este trabalho utilizaremos os *Fastos*, de Ovídio. Ovídio, *Publius Ovidius Naso*, é um poeta latino contemporâneo de Virgílio e Horácio, nascido a 43 a.C. em Sulmona<sup>1</sup>, localizada na região de Abruzzo, na Itália. A composição escrita ao longo de sua vida abrange várias temáticas, dentre as quais poesias de amor, poesias eróticas, como *Ars Amatoria*, *Amores* e *Remedia Amoris*, poemas etiológicos, como *Metamorphoses*, poemas eminentemente religiosos, como *Fasti*, e ainda poemas da época do exílio, como *Tristia* e *Epistulae ex Ponto*.

A obra dos *Fastos* foi estruturada como um calendário poético, composto em dísticos elegíacos<sup>2</sup>. O autor apresenta no prólogo da obra o intuito de seus escritos, ao afirmar “celebrarei os tempos distribuídos através do ano latino, com as [suas] causas, e os signos deslizados sob as terras e os levantados”<sup>3</sup> (OVÍDIO, *Fastos*, I, 1-2). No desenrolar do poema,

---

<sup>1</sup> O autor afirma que o nome de sua pátria é Sulmona, no verso 81 do livro IV dos *Fastos*. Assim está o texto em latim: *Sūlmōnīs gēlīdī, pātrīaē, Gērmānīcē, nōstraē* - [o nome] da gélida Sulmona, Germânico, de nossa pátria.

<sup>2</sup> O dístico elegíaco é um metro romano geralmente utilizado nas composições de elegias e epigramas. É composto por um verso hexâmetro (metro constituído de seis pés, entendendo *pé* por *medida do verso*, na qual são combinadas sílabas longas e breves) e um pentâmetro (metro constituído de cinco pés).

<sup>3</sup> Excerto dos dois primeiros versos do livro I dos *Fastos*. Assim está o texto em latim: *Tēmpōrā cūm caūsīs lātīūm dīgēstā pēr ānnūm / lāpsāquē sūb tērrās ōrtāquē signā cānām*. Os “signos escorregados sob as terras” dizem respeito ao pôr-se dos astros; os “levantados”, ao nascer dos astros.

o poeta latino relembra algumas vezes as propostas elencadas na proposição, como nos versos 295-296 do livro I<sup>4</sup> ou o verso 7 do livro II<sup>5</sup>, ou ainda os versos 11-12 do livro IV<sup>6</sup>.

Diferentemente dos outros tipos de poemas que escreveu, Ovídio deposita nos *Fastos* uma presença muito forte do conjunto de valores propriamente romanos e os utiliza como base para sua obra. Reconhece inclusive a grandiosidade de seu novo intento, ao retratar no próprio texto esse atributo, a partir dos versos 3 e 4 do livro II<sup>7</sup>, quando afirma que as elegias que escrevera são uma obra exígua. Da mesma maneira, utiliza o verso 6 do mesmo livro<sup>8</sup>, ao empregar o verbo *lusit*, de *ludēre*, que significa *brincar*, *divertir-se*, para referir-se à ação de compor as obras anteriores, durante sua juventude. Ele equipara, da mesma forma, sua vigorosa poesia e o ofício de escrever ao patamar das conquistas dos exércitos nas guerras<sup>9</sup>, que à época representavam características principais na construção da sociedade romana.

Nessa época, por volta de 8 a.C., já eram compostas as *Metamorfoses*, poema que narra as mutações dos seres para novas formas, demonstrando assim um momento de grande produção do autor latino. Ovídio, ao direcionar a tessitura dos *Fastos* às temáticas cívica, patriótica e religiosa, dedica sua obra majoritariamente a Augusto, símbolo da autoridade e do caráter romanos.

Podemos apontar duas fontes que atestam a dedicação do texto do poeta a Otávio. Em primeiro lugar, vemos os versos de 15 a 18 do livro II da mesma obra, dos *Fastos*<sup>10</sup>, que fazem

<sup>4</sup> Nesse excerto dos versos 295-296 do livro I dos *Fastos*, assim está o texto em latim: *Quid uetat et stellas, ut quaeque oritur caditque, / dicere? promissi pars sit et ista mei* – O que [me] veta também dizer as estrelas, quando cada uma se levanta e cai? De minha promessa essa seja também uma parte.

<sup>5</sup> Nesse excerto do verso 7 do livro II dos *Fastos*, assim está o texto em latim: *Idem sacra cānō signātāquē tēmporā fāstīs* – Eu mesmo coisas sagradas celebro e os tempos assinalados nos fastos.

<sup>6</sup> Nesse excerto dos versos 11-12 do livro IV dos *Fastos*, assim está o texto em latim: *Tēmporā cūm causīs, ānnālībūs ērūtā prīscīs, / lāpsāquē sūb tērrās ōrtāquē signā cānō* – os tempos extraídos dos priscos anais com as [suas] causas e os signos escorregados sob as terras e os levantados celebro. Esses versos são muito semelhantes aos versos iniciais do livro I dos *Fastos*, mudando apenas a circunstância atribuída aos tempos que o poeta celebra nos versos.

<sup>7</sup> Nesse excerto do livro II dos *Fastos*, assim está o texto em latim: *Nūnc prīmū uēlīs, ēlēgī, māiōribūs itīs: / ēxīgūūm, mēmīnī, nūpēr ērātīs ōpūs* – Agora, primeiro, ides, versos elegíacos, com velas maiores. Exígua, lembro, há pouco éreis uma obra.

<sup>8</sup> Nesse excerto do verso 6 do livro II dos *Fastos*, assim está o texto em latim: *Cūm lūsīt nūmērīs prīmā iūuēntā sūīs* – Quando brincou com seus números a primeira juventude.

<sup>9</sup> Ovídio assevera essa questão no verso 9 do livro II dos *Fastos*. Assim está o texto em latim: *Haēc mēā milītīā ēst; fērīmūs quāē pōssūmūs ārmā* – Esta é minha milícia; portamos as armas que podemos.

<sup>10</sup> Nesse excerto do livro II dos *Fastos*, assim está o texto em latim: *Āt tūā prōsēquīmūr stūdiōsō pēctōrē, Caēsār, / nōmīnā, pēr tītūlōs īngredīmūrquē tūōs. / Ērgō ādēs ēt plācīdō paūlūm mēā mūnērā uōltū / rēspīcē, pācāndō sīquīd āb hōstē uācāt* – No entanto, seguimos com aplicado peito, César, teus nomes, e por teus títulos ingressamos. Portanto, estás perto, e, com plácido rosto, volve os olhos um pouco para minhas ocupações, se, pacificando, algo está vago pela hoste.

referência a um César ao qual é pedido um plácido olhar para os esforços do escritor, caso reste tempo na empresa de instaurar a paz entre os romanos. Claramente faz-se menção à *Pax Romana* ou *Pax Augusta*, e *Caesar*, assim, remete a Otaviano. Em segundo lugar, os versos de 549 a 552 do livro II dos *Tristia*<sup>11</sup>, obra já do tempo do exílio de Ovídio, em que afirma ter escrito os doze livros dos *Fastos*<sup>12</sup> e que consagrou-os a César (Augusto).

Sobre a dedicação da obra, percebemos também que houve uma reformulação por parte do poeta, dado que no mês de Janeiro se apresenta uma menção a Germânico, no verso 3. Germânico Júlio César, filho de Druso Nero e Antônio, havia sido incluído na linha de sucessão por Otávio, ainda durante seu principado. Augusto havia forçado Tibério a adotar Germânico, em 4 d.C.. Por ocasião da morte do *princeps*, em 14 d.C., Ovídio alterou esse excerto do livro I dos *Fastos*, para tentar obter as graças do filho de Tibério.

Assim, esta monografia como dito, será embasada nos *Fastos*, de Ovídio. Como subsídios e obras de diálogo, utilizará o livro VI do *De Lingua Latina*, de Varrão, a *Teogonia* e *Trabalhos e Dias*, de Hesíodo, *Metamorfoses*, de Ovídio, dentre outros. O aporte teórico se pautará o máximo possível nas próprias obras antigas, dado que não há lugar melhor para teoria do que o texto original.

Será organizado em quatro capítulos, dos quais o primeiro tratará acerca da visão do tempo relacionado às visões filosófica e mítica; o segundo apresentará um pequeno panorama dos calendários antigos até o romano e suas características; o terceiro abordará a questão da primavera para os antigos; no quarto, por fim, far-se-á a análise dos *Fastos* atrelados à primavera. Quanto aos trechos latinos, todos trarão sobre as vogais as quantidades de longa ou breve, a fim de explicitar melhor a questão da metrificação no texto. Quanto às traduções, todas serão de caráter operacional e traduções próprias, salvo em um único caso, quando citaremos um excerto de um escrito acádio, porém, sinalizada com o nome do tradutor.

---

<sup>11</sup> Nesse excerto do livro II dos *Tristia*, assim está o texto em latim: *Sēx ēgō Fāstōrūm scrīpsī tōtīdēmquē libēllōs, / cūmquē sūō fīnē mēnsē uōlūmēn hābēt, / īdquē tūō nūpēr scrīptūm sūb nōmīnē, Caēsār, / ēt tībī sācrātūm sōrs mēā rūpīt ōpūs* – Seis livrinhos dos Fastos e outros tantos precisamente eu escrevi, e com seu mês o volume tem fim, e isso há pouco foi escrito sob teu nome, César, e a minha sorte rompeu a obra consagrada a ti.

<sup>12</sup> Presume-se que Ovídio tenha cometido uma certa hipérbole ao afirmar ter escrito os doze livros dos *Fastos*, dado que em registros gerais não se conhece a segunda parte da obra, que conteria os meses de Julho a Dezembro. Após a morte de Otávio, assim, os meses de Julho, que faria homenagem a Júlio César, e o de Agosto, a Augusto, não seriam bem aceitos por Tibério, também por causa da inimizade deste com o autor.



simultaneamente, pareceria ter sucedido também algum tempo. Mas, em verdade, também quando algum tempo pareça ter se sucedido, simultaneamente também algum movimento mostra ter-se sucedido. De modo que, sem dúvida, o tempo é ou o movimento ou algo do movimento. Já que, portanto, não é um movimento, a necessidade é ele ser algo do movimento. (ARISTÓTELES, *Física*, IV, 219a)

Santo Agostinho, filósofo que viveu por volta dos séculos IV – V da era cristã, também reservou uma parte de sua obra intitulada *Confissões*, para discorrer acerca do tempo, fazendo uma ponte de diálogo com o filósofo grego Aristóteles, mesmo sendo bastante posterior ao Estagirita. Com este exemplo, vemos que em todas as épocas do ser humano, inclusive na nova fase do mundo, a Cristandade, o material do tempo permaneceu como um dos pontos capitais para estudo. Em um excerto do livro onze, vemos o que afirma o bispo de Hipona:

*Et tamen, Domine, sentimus intervalla temporum, et comparamus sibimet, et dicimus alia longiora et alia breviora. metimur etiam, quanto sit longius aut brevius illud tempus quam illud, et respondemus duplum esse hoc vel triplum, illud autem simplum aut tantum hoc esse quantum illud. sed praetereuntia metimur tempora, cum sentiendo metimur; praeterita vero, quae iam non sunt, aut futura, quae nondum sunt, quis metiri potest, nisi forte audebit quis dicere metiri posse quod non est? cum ergo praeterit tempus, sentiri et metiri potest, cum autem praeterierit, quoniam non est, non potest.*

E contudo, Senhor, sentimos os intervalos dos tempos, e os comparamos a si mesmos e dizemos uns mais longos e outros mais breves. Medimos quanto seja mais longo ou mais breve um tempo do que outro e respondemos duplo ser este ou triplo; por outro lado, um, simples, ou este ser tanto quanto aquele. Mas medimos os tempos que passam quando medimos pelo sentir? Os [tempos] pretéritos, em verdade, que já não existem, ou os futuros, que ainda não existem, quem pode medir? Salvo se, porventura, alguém ousar dizer que pode medir o que não existe. Quando, portanto, passa o tempo, pode-se sentir e medir. Quando, contudo, tiver passado, não se pode, porque não existe. (AGOSTINHO, *Confissões*, XI, 16)

Antes que filósofos examinassem e pensassem como explicar o tempo, as narrativas míticas se faziam presentes na memória e no cotidiano das sociedades, como forma de difundir suas tradições, de refletir sobre as origens de todas as coisas, e também expor o meio social em que essas sociedades viviam, inseridas em contextos e temporalidades diferentes. O mito, assim, revela nele mesmo o pensamento de uma sociedade e a concepção desta acerca da existência e das relações que os homens devem manter com os deuses, com o mundo que os cerca e entre si.

Dentro das narrativas míticas e no cotidiano da antiguidade, o tempo era assimilado diversas vezes a divindades. Entre os gregos, e.g., o tempo passou a ser assimilado com o deus

Crono, e também outras divindades passaram a designar, de maneira primordial pela etimologia, os elementos que tinham proximidade com eles. Plutarco afirma que alguns tentam explicar essas questões de uma maneira mais rigorosa, filosófica, e faz o contraponto, escrevendo que “há esses que dizem (essas coisas), tal como os Helenos explicam alegoricamente com Crono o tempo, com Hera, os ares, e com o nascimento de Hefesto, a mudança do ar para o fogo”<sup>15</sup> (PLUTARCO, *Sobre Ísis e Osíris*, 32).

Há a repetição das mesmas letras que compõem o radical, mesmo em ordem diferente, do nome da deusa Hera e do substantivo correspondente ao ar: Ἡρα e ἀήρ. Em seguida, o radical de onde provém o nome de Hefesto (Ἡφαιστος), que apresenta divergências quanto à sua origem, pois pode ser derivado de ἥφθαι, infinitivo aoristo passivo de ἄπτω, que significa *ser incendiado*, ou ainda, de φαιστός, por analogia a φαιδρός, que significa *luminoso*, e, por sua vez, de φαίνω, *brilhar, acender*. A própria noção onomatopaica do φ do radical faz lembrar a ação de incendiar. No caso de Hefesto, além de fazer referência à etimologia da palavra ao atribuir o nome do deus ao elemento físico, Plutarco acrescenta-lhe a informação de que representa a mudança do ar para o fogo. Hefesto é filho de Hera, que, segundo a tradição hesiódica, “esteve furiosa e disputou com o seu marido, e, não tendo se unido por amor carnal, pariu Hefesto, íncito, distinguido de todos os deuses urânios pelas habilidades”<sup>16</sup> (HESÍODO, *Teogonia*, 927 – 29). Assim, o elemento do ar, representado pela deusa, é o que dá “à luz” o fogo, representado pelo deus Hefesto. Por fim, é quase igual ao do substantivo que denomina o tempo, o vocábulo que representa o nome de Crono, dado que aquele, em língua grega, é iniciado pela consoante χ (Χρόνος), ao passo que a diferença para este é apenas a supressão da aspiração, por se iniciar com a consoante κ (Κρόνος).

Segundo a mitologia grega na tradição hesiódica, após a origem do mundo – efetuada a partir das quatro forças primordiais, a saber, Caos, Terra, Tártaro e Eros –, três fases cósmicas e três consequentes linhagens foram concebidas, dentre as quais, a fase/linhagem que foi regida por Crono.

<sup>15</sup> Excerto da seção 32, de *Περὶ Ἰσιδος καὶ Ὀσίριδος*, *Sobre Ísis e Osíris* –, de Plutarco. Assim está o texto em grego: Οὗτοι δ' εἰσὶν οἱ λέγοντες, ὥσπερ Ἕλληνες Κρόνον ἀλληγοροῦσι τὸν χρόνον Ἡραν δὲ τὸν ἀέρα γένεσιν δὲ Ἡφαίστου τὴν εἰς πῦρ ἀέρος μεταβολήν.

<sup>16</sup> Excerto dos versos de 927 a 929 da *Teogonia*, de Hesíodo. Assim está o texto em grego: Ἡρῇ δ' Ἡφαιστον κλυτὸν οὐ φιλότῃ μιγεῖσα / γείνατο, καὶ ζαμένησε καὶ ἥρισεν ὃ παρακοίτῃ, / ἐκ πάντων παλάμῃσι κεκασμένον Οὐρανίωνων.

Para ter uma fonte de base que sirva para analisar as questões do tempo, criado logo depois da origem do mundo, pode-se utilizar a *Teogonia*, de Hesíodo, que trata sobre a origem da raça dos deuses e que também apresenta as fases e linhagens cósmicas citadas. Não é possível entender tal origem, nem também o que se sucedeu em cada período, numa linha propriamente cronológica e tampouco simultânea. Os deuses que nascem, despertam um tempo que só tem existência unicamente em suas próprias origens, visto que eles instauram sua própria ordem temporal. Não há um tempo único e que sirva para todos simultaneamente, caracterizando-se, assim, em tempos variados segundo a gênese de cada divindade.

A primeira fase cósmica tem lugar na proximidade das origens, na qual prevalece a força fecundante do Céu. Segundo os versos 127 e 128 da *Teogonia*, as funções de Úrano são cobrir toda a Terra ao redor e ser um assento seguro para as demais divindades. No verso 105 da mesma obra, Hesíodo reafirma o encargo de Úrano imutável quando remonta aos deuses como membros da “raça dos que sempre são”<sup>17</sup>.

Dos filhos gerados a partir da cópula ininterrupta do Céu com a Terra, Crono é o único que ajuda sua mãe a vingar-se do pai. O deus do tempo representa a forma de inteligência curva, consolidada através de ardis e de atos sinuosos. Subitamente ele decepa com uma foice forjada pela própria deusa o órgão genital do pai, que, através desse ato, é separado da Terra, ocasionando a formação de um novo âmbito e conseqüentemente de uma nova linhagem cósmica, marcada agora pelas questões oblíquas ligadas à inteligência e aos disfarces.

Mediante o decreto de um oráculo, Crono seria subjugado por um de seus filhos, apesar de toda a sua força. Receando e tentando retardar a ocasião, o deus os devorava à medida que nasciam. Porém Rea, sua esposa, conseguiu enganá-lo. Tendo parido Zeus à noite, na manhã seguinte entregou uma pedra envolta em panos, com a finalidade que ele a comesse, em lugar do bebê, e este, o salvaguardou na cidade de Creta. Chegando à idade adulta, Zeus decidiu enfrentar o pai e lutar com ele para obter o poder detido até então. Depois de ter sido instruído por Métis, a deusa da Prudência, levou uma droga mágica, que fez com que Crono vomitasse os irmãos que tinham sido engolidos, e estes, de volta à vida, o auxiliaram no ataque ao pai e aos titãs. Tendo sido vencidos, o filho de Úrano e os titãs foram expulsos do Olimpo.

O reinado de Zeus, assim, corresponde à terceira e perfeita fase cósmica. Perfeita porque concentra em si a totalidade dos poderes e da harmonia e ele mesmo se coloca no lugar

---

<sup>17</sup> Excerto do verso 105 da *Teogonia*, de Hesíodo. Assim está o texto em grego: γένος αἰὲν ἔόντων.

intermediário, como força mantenedora. Aqui se encontra uma prova elementar da afirmação de que na *Teogonia* de Hesíodo o tempo não é caracterizado como simultâneo a todos nem empregado de maneira linear. Zeus possui poderes sobre as constituições e possui também o poder de distribuí-las segundo a prudência e sua vontade, de modo que nada do que tenha estabelecido possa retroceder, como também recebe o múnus de conferir a cada divindade autonomia e funções distintas, e uma não pode interferir nas empresas das outras.

Podemos ilustrar também essa questão com o exemplo de Hefesto, que, antes de nascer, abre a cabeça de Zeus com um machado para que Atena nasça, segundo uma das tradições de seu mito. Se Zeus, então, possui primazia sobre deuses que lhe são “anteriores”, em temporalidades distintas, logo, o tempo não é caracterizado com uma linearidade sucessiva, mas sim conforme a distribuição e a gênese de cada um.

## CAPÍTULO II: O CALENDÁRIO E SUAS FORMAS AO LONGO DO TEMPO

Nossa proposta não é tratar a fundo as características de todos os calendários e formas de contagem do tempo anteriores à forma latina, mas unicamente fazer um panorama das fontes utilizadas até chegar à composição do calendário romano.

Tendo percorrido acerca do tempo sob a ótica mítica, podemos aplicar tais informações introdutórias na relação entre os humanos e o surgimento das formas de contagem, bem como da posterior demarcação por eles de períodos temporais. A necessidade de contar o tempo surgiu ainda no desenvolvimento do homem primitivo, para que conseguisse manter-se nas situações mais básicas de sobrevivência. Inclusive, mudando as circunstâncias, esse mesmo âmbito foi transmitido aos dias atuais, na questão da utilização do tempo para fins de sobrevivência, como, e.g., a imprescindibilidade de horas determinadas ao indivíduo dentro do trabalho.

Demandava então, naquelas ocasiões, contar com precisão. Presume-se que as primeiras formas de contagem existiram seja com o auxílio dos dedos das mãos e dos pés, seja pelo agrupamento de pedras ou materiais semelhantes, bem como ao registrar as informações obtidas em cascas de árvores, nas paredes ou mesmo em inscrições empreendidas em ossos.

### *2.1 Primeiros registros temporais*

O registro concreto mais antigo que se possui acerca de um objeto manuseado para contagem é o Osso de Lebombo, no qual há diversos conjuntos de marcas que remetem a fatores numéricos, fazendo alusão a um mês que se basearia no calendário lunar. O denominado Osso de Lebombo é uma parte da perna de um babuíno, encontrado numa gruta das montanhas Lebombo, localizadas na fronteira entre a África do Sul e a Suazilândia, e data de mais de 35.000 a.C. (SANTOS, 2019, p.122)

Outro exemplo “mais recente” que podemos citar é o Osso de Ishango, uma fíbula também do corpo de um babuíno, datado de 20.000 a.C. (SANTOS, 2019, p.122). Esse período, intitulado Paleolítico Superior, retrata uma determinada transição do homem, no que diz respeito ao seu comportamento, porque ele adquire uma “modernização”, ao se detectarem

avanços no desenvolvimento da agricultura e na domesticação dos animais. Ao cultivar o solo, o homem conseguia diminuir sua dependência em relação à natureza.

## 2.2 Calendário egípcio

Dentre as civilizações antigas, podemos citar em primeiro lugar os egípcios. Para a civilização egípcia, a configuração do tempo era separada em dois âmbitos, a saber: um tempo litúrgico, religioso, dedicado aos cultos das divindades, e um tempo dedicado ao profano, às funções da vida cotidiana. Os anos possuíam 360 dias e eram contados a partir do momento em que cada rei subia ao trono, ao passo que o segundo ano do novo ciclo se iniciava na data imediatamente posterior ao último dia do ano que acabava, e assim se procedia nos outros anos. Com o rei seguinte reiniciava-se a contagem a partir do zero.

O número de dias do ano teria sido arranjado pelo cálculo efetuado com a observação dos dias de um ciclo lunar<sup>18</sup>. Havia três estações bem demarcadas, de acordo com as observações agrícolas: *Akhet*, *Peret* e *Chemú*, ou os períodos da Inundação, Inverno e Verão, respectivamente, cada qual com quatro meses de trinta dias, e os meses, por sua vez, se constituíam de três “semanas” de 10 dias. Ainda se acrescentavam cinco dias<sup>19</sup> fora do ano, que os gregos chamaram de *epagómenos*, e ao fim deles se celebrava uma espécie de festa para a chegada do novo ano.

Os meses, assim, eram intitulados de acordo com o nome do festival, ou, conseqüentemente, com o nome da divindade que era celebrada nesses períodos. O primeiro mês da Inundação era chamado de *Tekhi*, o segundo, de *Menekhet*, o terceiro, de *Khenethuthor* e o quarto, de *Nehebkaú*; o primeiro mês do Inverno, ou o quinto mês, na sequência, era chamado de *Chefbedet*, o sexto mês, de *Rekehaá*, o sétimo mês, de *Rekehnedjés* e o oitavo mês de *Renenutet*; o primeiro mês do Verão, ou o nono mês, na sequência, era chamado de *Khonsu*, o décimo mês, de *Khenetkhetyperetj*, o décimo primeiro mês, de *Ipethemet* e o décimo segundo mês, de *Upetrenpet* (CANHÃO, 2014).

<sup>18</sup> O mês lunar se baseia nas lunações. Uma lunação é o tempo decorrido entre duas luas novas consecutivas. O período de uma lunação tem em média a duração de 29 dias, 12 horas e 44 minutos. Durante uma lunação ocorrem as fases da lua, e o intervalo de tempo médio entre as fases é de 7 dias. (MARQUES, 2006, p.2)

<sup>19</sup> Em cada um dos cinco dias *epagómenos* se comemorava o nascimento dos cinco deuses que representavam o Tempo, na teologia mais antiga: Osíris (*mesut Usir*, correspondente a 14 de julho), Hórus (*mesut Hor*, correspondente a 15 de julho), Set (*mesut Set*, correspondente a 16 de julho), Ísis (*mesut Iset*, correspondente a 17 de julho) e Néftis (*mesut Nebet-hut*, correspondente a 18 de julho). (CANHÃO, 2014)

### 2.3 Calendário mesopotâmico

O quarto milênio anterior à era cristã, por sua vez, representa o recorte do íterim que abrange a vivência dos sumérios. Seu calendário era baseado também no ritmo de atividades agrícolas e religiosas, acompanhados pelo deslocamento do sol no horizonte e nos movimentos da lua. Assim, o calendário mesopotâmico era composto de um ano solar<sup>20</sup>, um dia também solar<sup>21</sup>, e, seus meses, lunares.

Os meses, de forma geral, eram organizados desta forma: *Nisannu* (em língua acádia), correspondente no nosso calendário a março/abril; *Ayyaru*, abril/maio; *Simânu*, maio/junho; *Tammuzu*, junho/julho; *Abu*, julho/agosto; *Elûlu*, agosto/setembro; *Taşrîtu*, setembro/outubro; *Arahsammu*, outubro/novembro; *Kislimu*, novembro/dezembro; *Tebêtu*, dezembro/janeiro; *Šabâtu*, janeiro/fevereiro; *Addaru*, por fim, fevereiro/março. O ano novo babilônico iniciava na primavera, com o mês *Nisannu*, e sempre o primeiro dia do ano era equivalente ao equinócio da primavera, por isso que, fazendo correspondência com nosso calendário atual, o ano para eles se iniciaria em março/abril. (POZZER, 2013, p. 21)

Podemos constatar uma evidência do calendário mesopotâmico antigo nos versos de *Ele que o abismo viu*, obra mais conhecida como *Epopeia de Gilgámesh*. O texto, atribuído a Sin-léqi-unninni, é constituído de doze tabuinhas, marcadas pela escrita cuneiforme, inicialmente apresentado em língua suméria e posteriormente em língua acádia. O poema conta fatos acerca de Gilgámesh, rei que teria governado, por volta do século XXVII a.C., Úruk, depois do dilúvio. Figura ilustre, tida como herói e posteriormente divinizada, Gilgámesh galga a compreensão da natureza humana, depois de ter passado por diversas experiências significativas, em especial a morte de seu amigo Enkídu, que lhe ajudou nas grandes empresas que conseguiu operar. No momento em que Enkídu morre, o rei passa a perceber que ele também é passível de perecimento.

No momento da assembleia de Úruk, na segunda tabuinha, Gilgámesh anuncia que percorrerá o longo caminho da Floresta de Cedros para matar Humbaba, auxiliado por Enkídu,

---

<sup>20</sup> O ano solar, ou ano trópico, é o tempo decorrido entre duas passagens consecutivas do sol, ao chegar no ponto vernal. Para a astronomia, o ponto vernal se caracteriza no ponto da esfera celeste, quando o sol cruza o Equador celeste, tendo dado uma volta completa. Isso acontece por volta do dia 21 de março, que, para o hemisfério norte, marca o equinócio de primavera, e, para o hemisfério sul, marca o equinócio de outono. (MARQUES, 2006, p. 2)

<sup>21</sup> O dia solar é marcado pelo intervalo de tempo que a Terra leva para dar uma volta ao redor de si mesma. O tempo médio é de 24 horas. O dia solar começa à meia-noite e encerra-se à meia-noite do dia seguinte. (MARQUES, 2006, p.2)

numa refrega que não conhece e numa jornada que nunca havia feito anteriormente. Nos versos de 268 a 271 da segunda tabuinha e nos versos de 31 a 34 da terceira tabuinha, ele afirma com veemência<sup>22</sup>:

Possa retornar e o *akítu* duas vezes ao ano celebrar,  
 Possa o *akítu* duas vezes ao ano celebrar!  
 O *akítu* tenha lugar e o festival se faça,  
 Os tambores sejam percutidos diante da vaca selvagem Ninsun! (SIN-LÉQI-UNNÍNNI, *Ele que o abismo viu*, 2, 268 – 271; 3, 31 – 34)

O *akítu*, termo acádio, literalmente *cabeça do ano*, era um festival de primavera celebrado em períodos de ano novo, que, na verdade, correspondiam a dois meios-anos, ou dois semestres, como conhecemos hodiernamente. Na sua constatação mais antiga, na cidade de Ur, as duas vezes em que havia a festividade correspondiam aos equinócios de outono e de primavera, quando se marcavam, respectivamente, a semeadura da cevada, no mês de *Tašrítu*, e sua ceifa, no mês de *Nisannu*. Em Úruk, e.g., o *akítu* do mês de *Nisannu* prolongava-se durante onze dias, nos quais eram feitas cerimônias em honra do deus Ánu, e, depois do sétimo dia, também à sua esposa Ántu. Desde os primeiros registros, pois, é conhecido que o nome da festa também era o de uma espécie de edificação extramuros da cidade, que servia de morada temporária do deus no íterim da primeira metade da festa.

## 2.4 Calendário grego

Na Grécia, cada cidade-Estado representava uma entidade política autônoma, tendo, assim, cada uma o seu próprio calendário, embora todos fossem semelhantes. A princípio os calendários eram lunares, passando depois a serem lunissolares<sup>23</sup>. O ano era composto de 12 meses de 29 ou 30 dias, dispostos de maneira alternada, totalizando 354 dias, mais curto que o ano solar cerca de 11 dias. Para manter a coincidência dos meses lunares com o ano solar, os atenienses intercalavam um décimo terceiro mês.

<sup>22</sup> Tradução do acádio, de Jacyntho Lins Brandão.

<sup>23</sup> Um calendário lunissolar se baseia nos movimentos do sol e da lua, buscando conciliar a duração do ano solar com a duração dos meses lunares.

O calendário mais difundido é o ateniense. Em Atenas, o ano se iniciava em pleno verão, o que corresponde aproximadamente ao nosso mês de julho. Os meses organizados no ano ateniense se configuravam do seguinte modo: Ἑκατομβαιών (*Hekatombaión*), correspondente no nosso calendário a julho; Μεταγειτνιών (*Metageitnión*), agosto; Βοηδρομιών (*Boedromión*), setembro; Πυανεσιών (*Pyanepsión*), outubro; Μαιμακτηριών (*Maimakterión*), novembro; Ποσειδεών (*Poseideón*), dezembro; Γαμηλιών (*Gamelión*), janeiro; Ἀνθεστηριών (*Anthesterión*), fevereiro; Ἐλαφηβολιών (*Elaphebolión*), março; Μουνιχιών (*Mounikhión*), abril; Θαργηλιών (*Thargelión*), maio; Σκιροφοριών (*Skirophorión*), junho. O décimo terceiro mês, intercalar, é inserido entre Ποσειδεών e Γαμηλιών, denominado de Ποσειδεών δεύτερος (*déuteros*) ou ὕστερος (*hýsteros*), e tem a duração de 30 dias (FLORENZANO, 1996, p.)

## 2.5 Calendário latino

Segundo Ovídio, nos *Fastos*, a primeira forma do calendário romano foi constituído por Rômulo, depois que erigiu os muros da cidade de Roma, aproximadamente a 753 a.C.. A contagem do ano para os romanos realizava-se, assim, desde essa data de 753 a.C., chamada *Ab Urbe Condita* (desde a Urbe fundada).

O primeiro calendário era primitivamente lunar, constituído de 10 meses<sup>24</sup>. A configuração dos meses do ano romano se apresentava desta maneira: *Martius* (Março, referente a Marte), *Aprilis* (Abril), *Maius* (Maio), *Iunius* (Junho), *Quintilis* (Quintílio), *Sextilis* (Sextílio), *September* (Setembro), *October* (Outubro), *November* (Novembro), *December* (Dezembro).

A primeira reforma do calendário romano foi operada pelo segundo rei de Roma, Numa Pompílio. Ele representa o rei religioso por excelência, dado que instaura a criação da maior parte dos cultos e das instituições sagradas entre os romanos. Numa, seguindo o calendário lunar dos gregos, foi o primeiro a reconhecer que faltavam dois meses<sup>25</sup>. Foram incluídos os

<sup>24</sup> O verso 121 do livro III dos *Fastos* atesta que o calendário primitivo instituído por Rômulo era lunar, e consequentemente constituído de 10 meses. *Annũs ẽrãt dẽcĩmũm cũm lũnã rẽcẽpẽrãt ẽrbẽm* – o ano era décimo, visto que a lua recuperara o círculo.

<sup>25</sup> Ovídio assevera essa questão no início do verso 151 e no verso 152 do livro III dos *Fastos*. Assim está o texto em latim: *Prĩmũs [...] / Põmpĩlĩũs mẽnsẽs sẽnsĩt ăbẽssẽ dũõs* – O primeiro, [...] Pompílio percebeu faltar dois meses.

meses que faltavam, os de *Ianuarius* (Janeiro), colocado como primeiro mês<sup>26</sup>, em honra ao deus Jano, e o de *Februarius* (Fevereiro), dedicado às *Februa*, festas de purificação celebradas entre os romanos. Ocupava o lugar do último mês, dado que também era o fim dos cultos e nele eram expiadas as faltas de todo o ano<sup>27</sup>.

Júlio César, porém, é quem ajusta o calendário. Ovídio afirma que “conta-se ele ter disposto com notas exatas as demoras do sol, pelas quais para seus signos [o sol] voltasse”<sup>28</sup>. Foi então abolido o calendário lunar utilizado anteriormente e efetivado, em 709 *ab Vrbe condita*, ou 46 a.C., o Juliano, fazendo alusão justamente ao nome de seu criador. Para homenagear e perpetuar o nome de Júlio César inclusive nas datas do calendário, em 44 a.C. o mês *Quintilis* toma o nome de *Iulius*.

Esse período no qual foi renomeado o mês de Quintílio se situa no fim da época do primeiro triunvirato, composto por Pompeu, Crasso e César. Crasso pereceu logo depois da batalha de Carrhae, ocorrida em 53 a.C. na Mesopotâmia. Pompeu foi derrotado na batalha da Farsália, em agosto de 48 a.C., donde fugiu para o Egito e lá foi assassinado por Ptolomeu XIII, este num intento fracassado de conseguir as graças de César. César, por sua vez, foi morto por conjurados republicanos em 44 a.C. no próprio senado, dentre os quais *Marcus Iunius Brutus*.

O segundo triunvirato é composto em 43 a.C. por Marco Antônio, Lépido e Otávio. Em determinado momento, visto que estavam sem adversários, os triúnviros começam a discordar entre si. Otávio consegue tomar para si as legiões de Lépido em 36 a.C., e este então é forçado a abdicar do cargo. Cleópatra, causa dos amores de Marco Antônio e sua esposa, não tinha o bom grado dos cidadãos romanos, pelo fato de que este repudiou Otávia, uma romana e irmã de Augusto, para se casar com aquela. Otávio, consultando todo o povo, decide sabiamente declarar guerra contra a rainha do Egito. Ela e quem a amava se suicidaram, frente às novas investidas de Roma. Otávio então permanece, ficando como o *princeps* do mundo romano, recebendo o título de *Augustus*. Não menos digno de homenagens que César, muda o nome do

<sup>26</sup> Ovídio assevera essa questão no verso 51 do livro II dos *Fastos*. Assim está o texto em latim: *Prīmus ēnīm Iānī mēnsīs, quā iānūā prīmā est* – O primeiro, de fato, é o mês de Jano, porque é a primeira entrada.

<sup>27</sup> Ovídio assevera essa questão nos versos 49 e 50 do livro II dos *Fastos*. Assim está o texto em latim: *Quī sēquūtūr Iānūm, uētērīs fūit ūltīmūs ānnī: / tū quōquē sācrōrūm, Tērmīnē, fīnīs ērās* – O que segue Jano foi o último do velho ano. Tu também dos cultos, Término, o fim eras.

<sup>28</sup> Excerto dos versos 161 e 162 do livro III dos *Fastos*. Assim está o texto em latim: *Illē mōrās sōlīs, quībūs īn sūā sīgā rēdīrēt, / trādītūr ēxāctīs dīspōsūissē nōtīs*.

mês de Sextílio para *Augustus*. Antes possuindo 30 dias, o mês de agosto ganha mais um dia, passando a ficar com 31 dias, para que não tivesse menor duração que o mês anterior, Julho.

Os sistemas de contagem do tempo foram ajustados por César em ciclos de quatro anos, ao fim dos quais seria acrescentado um dia, para compensar as quatro horas em média que sobravam ao fim de cada ano subsequente<sup>29</sup>. O dia era acrescido ao mês de fevereiro, passando este a ter 29 dias. Registrava-se o dia 24 duas vezes, intitulado o sexto dia antes das calendas de março (*ante diem bis sextum kalendas Martii*). Daí surgiu a expressão *ano bissexto*, que, de fato, deveria chamar-se *dia bissexto*.

A configuração dos dias era diferenciada. Os dias marcados nas inscrições pela letra F diziam respeito aos *dies fasti* (dias fastos). A nomenclatura de *fastos* servia para representar os momentos em que havia atividades judiciais ou expediente forense – serviu inclusive para dar denominação à obra do poeta Ovídio. A partir desse primeiro uso do termo, a sua acepção também foi estendida às demais listas políticas, religiosas, ou mesmo a algo referente aos trabalhos dos cidadãos. A palavra provém etimologicamente do verbo *for*, *fāri*, do latim, que significa *dizer*, *falar*. Refere-se à autorização do pretor em proferir as três palavras formulares e sagradas que eram utilizadas nos julgamentos, ao regular uma instância, a saber: *do*<sup>30</sup> (dou), *dico*<sup>31</sup> (digo), *addico*<sup>32</sup> (aprovo). Em oposição aos dias fastos, há os *dies nefasti* (dias nefastos), marcados nas inscrições pela letra N. Nestes dias, não poderia haver decisões judiciais nem serem ditas as três palavras (*do*, *dico* e *addico*) utilizadas nas práticas forenses<sup>33</sup>.

Ovídio bebe da fonte grega hesiódica, em *Trabalhos e Dias*, para estabelecer em seu texto as questões sobre os dias em que é lícito trabalhar e os que não são. Hesíodo, como criador do gênero que diz respeito às efemérides anuais, apresenta detalhadamente as questões do

<sup>29</sup> Ovídio assevera essa questão nos versos de 163 a 166 do livro III dos *Fastos*. *Īs dēciēs sēnōs tēr cētūm ēt quīnquē dīēbūs / iūnxīt ēt ā plēnō tēmpōrā quīntā dīē. / Hīc ānnī mōdūs ēst: īn lūstrūm āccēdērē dēbēt, / quāē cōnsūmmātūr pārtībūs, ūnā dīēs* – E ele (César), aos dez vezes seis, três centos e cinco dias, jungiu de um pleno dia os quintos tempos. Este é o modo do ano: a um lustro um dia deve acrescentar, que é adicionado [dessas] partes. O poeta refere-se aos *quintos tempos* do dia – e não à quarta parte – e que a cada lustro – e não a cada quadriênio – deve-se somar um dia, por conta da maneira inclusiva com que os romanos efetuavam suas contagens.

<sup>30</sup> Do verbo *dāre*, em latim. Indica a faculdade do magistrado para dar (conceder) ou não uma ação, nomeando o juiz.

<sup>31</sup> Do verbo *dicēre*, em latim. Indica a faculdade do magistrado para declarar o direito que será efetuado em cada caso. Significa *dizer o que é a justiça*. Vem de δίκη, em grego.

<sup>32</sup> Do verbo *addicēre*, em latim. Indica a faculdade do magistrado para constituir o direito a uma das partes em julgamento, confirmando a vontade e declarando por sentença.

<sup>33</sup> Ovídio assevera essa questão nos versos 47 e 48 do livro I dos *Fastos*. *Īllē nēfāstūs ērīt, pēr quēm triā uērbā sīlētūr: / fāstūs ērīt, pēr quēm lēgē līcēbīt āgī* – Ele [o dia] nefasto será durante o qual três palavras são silenciadas; fasto será durante o qual com a lei será lícito agir.

calendário do lavrador, e de cada um dos trabalhos a serem realizados nas estações do ano, inverno, primavera, verão e outono. A partir do verso 765 o autor fala mais especificamente sobre os dias, de modo que encerra a obra, dizendo: “ditoso e feliz é aquele que, sabendo todas essas coisas, trabalhe inocente aos imortais, interpretando os pássaros e evitando transgressões”<sup>34</sup> (HESÍODO, *Trabalhos e Dias*, 826-828).

Havia também os dias denominados de *endotercisus*, marcados nas inscrições pelas letras EN. Ovídio afirma que nesses dias, o período da manhã era tido como nefasto e o período da tarde como fasto<sup>35</sup>. Marco Flaco, nos *Fasti Praenestini*, acrescenta a informação de que, na verdade, enquanto a vítima estivesse sendo imolada, seriam lícitos os julgamentos, mas depois que as vísceras do animal fossem tiradas, o dia voltava a ser nefasto. Diz ainda que a nomenclatura *endotercisus* é utilizada em vez de *intercisus*, porque anteriormente o prefixo *endo* era utilizado no lugar de *in*<sup>36</sup>.

Havia ainda os dias comiciais, marcados nas inscrições pela letra C. No dia *comitialis* eram feitos os *comitia*, comícios que convocavam todo o povo romano para que se reunissem em assembleias a fim de que pudessem ser votadas as legislações e houvesse julgamentos de crimes<sup>37</sup>.

Por fim, há os dias de *nefas piaculum* (piáculo do nefas), marcados nas inscrições pelas letras NP. As datas do calendário em que estavam inscritas as iniciais NP diziam respeito ao dia em que se deveria realizar um piáculo<sup>38</sup>, sacrifício público aos deuses por tudo o que era

<sup>34</sup> Excerto dos versos de 826 a 828 de *Trabalhos e Dias*. Assim está o texto em grego: τᾶων εὐδαιμόνων τε καὶ ὄλβιος, ὃς τὰδε πάντα / εἰδὼς ἐργάζεται ἀναίτιος ἀθανάτοισιν, / ὄρνιθας κρίνων καὶ ὑπερβασίας ἀλεείνων.

<sup>35</sup> Ovídio assevera essa questão no verso 49 e 50 do livro I dos *Fastos*. Assim está o texto em latim: *Nēc tōtō pērstārē dīe sūā iūrā pūtārīs: / quī iām fāstūs ērīt, mānē nēfāstūs ērāt* – E não penses durante todo o dia ficar de pé os seus direitos. O que já fasto será, pela manhã nefasto era.

<sup>36</sup> Marco Vério afirma essa questão no escrito referente a 10 de janeiro. *EN(dotercisus) haec nota significat diem intercisum nam endo antiquissima aetate] / pro in ponebatur [die interciso nefas est mane ante] / quam hostia immol[etur et post exta porrecta rursus] / nefas fit itaque sa[epe responsum est medio tempore] / licere agi* – Endoterciso. Esta nota significa o dia interciso (cortado pelo meio), pois *endo*, em antiquíssima idade, no lugar de *in* era posto. No dia interciso, pela manhã é nefasto, antes que a vítima seja imolada; depois das vísceras estendidas para a frente, mais uma vez torna-se nefasto. Frequentemente é lícito agir para responder [causas judiciais nesse] meio tempo.

<sup>37</sup> Ovídio assevera essa questão no verso 53 do livro I dos *Fastos*. Assim está o texto em latim: *Ēst quōquē, quō pōpūlūm iūs ēst inclūdēre saēptīs* – Há também [o dia] no qual é direito incluir o povo nos recintos. O termo *saepta* diz respeito aos recintos nos quais os cidadãos eram encerrados em centúrias e de onde saíam para fazer a votação um de cada vez.

<sup>38</sup> Ovídio assevera essa questão no verso 51 do livro I dos *Fastos*. Assim está o texto em latim: *Nām sīmūl extā dēō dātā sūnt, līcēt ōmnīā fārī* – De fato, logo que as vísceras ao deus são dadas, é lícito todas as coisas falar.

nefasto, não permitido pelas divindades. Os piáculos poderiam ser de natureza expiatória ou propiciatória.

Podemos caracterizar então como semana o período de 8 dias que se sucedia entre as *nundinae*. Etimologicamente, o termo latino significa *feira ou folga do nono dia*. Como os romanos contavam inclusivamente, as *nundinae* para eles se davam ao nono dia<sup>39</sup>, nos quais aconteciam feiras, e se faziam mercados. Cada dia era nomeado pela sequência de letras de A a H (A, B, C, D, E, F, G e H), sendo A o primeiro dia e H o último. Quinto Hortênsio, inclusive, publicou a *Lex Hortensia de Nundinis* (Lei Hortênsia sobre as *Nundinae*), em que habilitava os dias de mercado que fossem festivos como dias fastos. Assim, os agricultores que vinham à cidade nesses dias e também os demais da população eram beneficiados, tanto porque poderiam vender seus produtos, quanto porque poderiam resolver alguma eventual questão judicial.

Em cada mês três dias tinham uma posição particular, como dias fixos, tendo também denominações diferentes. Em primeiro lugar, as *Kalendae* (Calendas), marcadas nas inscrições pela letra K, ocupavam o lugar do primeiro dia do mês. Foi a partir deste termo que se derivou o adjetivo latino *calendaris* (relativo às Calendas), e posteriormente o substantivo que deu origem ao termo *calendário*, em português. As Calendas romanas eram dedicadas ao culto da deusa Juno<sup>40</sup>. Atestam isso os versos 57 e 58 do livro II dos *Fastos*<sup>41</sup>, que, referentes às Calendas de Fevereiro, lembram a data da consagração do templo a Juno Sóspita; ou o verso 245 e seguintes do livro III da mesma obra, referentes às Calendas de Março, que fazem menção à festa da edificação de um templo em honra a Juno Lucina por parte das mulheres latinas; ou ainda o verso 183 e seguintes do livro VI, que, referentes às Calendas de Junho, remetem à dedicação do templo a Juno Moneta por Camilo, sobre a casa de Mânlio.

As *Nonae* (Nonas), marcadas nas inscrições pelas letras NON, sempre eram no dia 5, exceto em março, maio, julho e outubro, quando aconteciam no dia 7. Ovídio afirma que não há deus para o culto das Nonas, diferentemente das Calendas. O dia posterior será funesto<sup>42</sup>,

<sup>39</sup> Ovídio assevera essa questão no verso 54 do livro I dos *Fastos*. Assim está o texto em latim: *Ēst quōquē, quī nōnō sēmpēr āb ōrbē rēdīt* – Há também [o dia] que sempre ao nono orbe volta.

<sup>40</sup> Ovídio assevera essa questão no verso 55 do livro I dos *Fastos*. Assim está o texto em latim: *Vīndīcāt Aūsōnīās Iūnōnīs cūrā Kālēndās* – Vindica as Calendas Ausônias o cuidado de Juno.

<sup>41</sup> [...] *illīs quāē sūnt sācrātā Kālēndīs / tēplā dēāē* [...] – os templos da deusa que foram consagrados naquelas Calendas.

<sup>42</sup> Ovídio assevera essa questão nos versos de 57 e 58 do livro I dos *Fastos*. Assim está o texto em latim: *Nōnārūm tūtēlā dēō cārēt. ōmnībūs īstīs / (nē fāllārē cāuē) prōxīmūs ātēr ērīt* – Das Nonas a tutela a um deus carece. A todos esses [dias] (para não te enganares, toma cuidado) o mais próximo, atro será.

como o autor nos mostra em 6 de abril, dia H das *nundinae*, em que é prescrito o *nefas piaculum*; ou ainda em 6 de junho, dia E das *nundinae*, considerado nefasto.

Por fim, os *Idus* (Idos), marcados nas inscrições pelas letras ID, sempre aconteciam ao dia 13 do mês, exceto também em março, maio, julho e outubro, quando datavam ao dia 15. Nos Idos, uma ovelha é sacrificada a Júpiter<sup>43</sup>, como vemos nos versos 587 e 588 do livro I dos *Fastos*, que, referentes aos Idos de Janeiro, afirmam a ação de um sacerdote em libar nas chamas as vísceras de uma ovelha; ou ainda nos Idos de Abril, no verso 621 do livro IV, o poeta afirma a supremacia de Júpiter. Os Idos ainda tiveram uma importante colocação, pois nos Idos de Março de 44 a.C., César foi assassinado pelos republicanos, mesmo *a vontade dos deuses proibindo*<sup>44</sup>.

---

<sup>43</sup> Ovídio assevera essa questão no verso 56 do livro I dos *Fastos*. Este verso, inclusive, se caracteriza por ser um pentâmetro (metro latino) perfeito, composto de quatro dáctilos (pé composto por uma sílaba longa e duas breves ~~~) e um troqueu (pé composto por uma sílaba longa e uma breve ~ ^). *Īdībŭs ālbă Iōuī grāndiōr āgnă cādīt* ou, com a separação dos pés, *Īdībŭs / ālbă Iō / uī / grāndiōr / āgnă cā / dīt*. Tradução: Nos Idos, para Jove, alva cordeira, a maior, cai.

<sup>44</sup> Excerto dos versos 705 e 706 do livro III dos *Fastos*. Assim está o texto em latim: *prōhibēntē dēōrŭm / nŭmīnē*.

### CAPÍTULO III: A PRIMAVERA

Tendo desenvolvido nos dois capítulos anteriores as temáticas do tempo e do calendário, em seus mais diversos aspectos, nesta seção trataremos da questão da primavera, sob as óticas da ciência e das narrativas míticas, que envolvem seu surgimento, a sua relevância no cotidiano dos povos desde tempos mais remotos, como também a sua presença nos mitos que refletem a sociedade na qual estão inseridos.

Inicialmente, a primavera é uma das quatro estações do ano, sendo precedida pelo inverno e sucedida pelo verão; ao verão, por sua vez, sucede o outono. As estações do ano acontecem por causa do eixo de rotação da Terra, que muda à medida que ocorrem os movimentos de rotação e translação. Assim, a Terra ocupa posições diferentes durante o ano, ocasionando as mudanças temporais. Filho e Saraiva (2014) afirmam:

Devido a essa inclinação, que se mantém praticamente constante à medida que a Terra orbita o Sol, os raios solares incidem mais diretamente em um hemisfério ou em outro, proporcionando mais horas com luz durante o dia a um hemisfério ou a outro e, portanto, aquecendo mais um hemisfério ou outro. (FILHO e SARAIVA, 2014, p.43)

À semelhança dos planetas e satélites, o sol também possui sua própria órbita. Relacionando as posições que este ocupa em sua circundação com as estações do ano, tendo sempre o ponto de vista da Terra, podemos destacar quatro momentos principais: dois equinócios (primavera e outono) e dois solstícios (verão e inverno).

A nomenclatura *equinócio* vem do latim *aequinoctium*, junção das palavras *aequum* (equidade) e *nox* (noite). Ele representa o momento em que a noite tem a mesma duração que o dia, quando o sol se encontra na posição mediana de sua órbita, cruzando o equador celeste<sup>45</sup>. Aproximadamente no dia 20 de março, o sol está vindo do hemisfério sul, onde é outono, para a direção do hemisfério norte, onde é primavera. É o primeiro equinócio do ano. O segundo, por sua vez, acontece aproximadamente no dia 22 de setembro, quando o sol está fazendo o

---

<sup>45</sup> “É o círculo máximo em que o prolongamento do equador da Terra intercepta a esfera celeste” (FILHO e SARAIVA, 2014, p. 11). De maneira geral, podemos afirmar que o equador celeste é a linha imaginária que “corta” o planeta ao meio, demarcando seus dois hemisférios e que serve de referência para diversas questões.

movimento contrário, vindo do hemisfério norte, onde é outono, para a direção do hemisfério sul, onde é primavera.

Além dos movimentos de rotação e translação da Terra, que são os mais conhecidos, há outro chamado de Precessão dos Equinócios. É intitulado dessa forma porque a cada ano faz com que os equinócios sejam adiantados em cerca de 20 minutos, mudando neles, ao longo do tempo, a posição onde o sol está localizado. O planeta, além de girar em torno de si mesmo e ao redor do sol, também circula no seu eixo longitudinal, porém muito mais lentamente do que os outros movimentos, de modo que só consiga fazer uma elipse completa depois de quase 26 mil anos, tendo passado por todas as constelações.

Já a nomenclatura *solstício* vem do latim *solstitium*, junção de *sol* (de mesmo significado em português) e *statum* (parado, particípio passado de *sistere*). Representa o momento em que o sol alcança o extremo de sua órbita, chegando o mais perto possível de determinado hemisfério, e, ao mesmo tempo, estando afastado maximamente do outro. Por volta do dia 21 de junho, atinge a extremidade norte, próximo ao trópico de Câncer, onde é verão, e inverno no hemisfério sul. O segundo solstício anual ocorre nas imediações de 21 de dezembro, quando se avizinha da extremidade sul, próximo ao trópico de Capricórnio, onde é verão, em contraponto ao hemisfério norte, onde é inverno.

Vale ressaltar que nas regiões próximas ao Equador não há diferenças significativas entre as características de cada estação, devido à altura do sol quando passa por essa linha imaginária. Filho e Saraiva afirmam que “no solstício de junho o Sol cruza o meridiano 23°27' ao norte do Zênite<sup>46</sup>, no solstício de dezembro o Sol cruza o meridiano 23°27' ao sul do Zênite e, no resto do ano, ele cruza o meridiano entre esses dois pontos” (FILHO e SARAIVA, 2014, p.45). Logo, a luz do sol atinge os pontos próximos ao Equador igualmente durante todo o ano.

Devido a más organizações no calendário juliano, a cada 128 anos um dia era acrescentado, visto que o ano juliano era mais longo que o ano trópico em 11 minutos. Com o advento do Cristianismo e o desenvolvimento da Igreja, era de fundamental importância o estabelecimento de determinadas datas para as funções litúrgicas e de difusão dos cultos entre o povo, sobretudo da celebração da festa da Páscoa. O posicionamento eclesiástico inaugural

---

<sup>46</sup> “É o ponto no qual a vertical do lugar intercepta a esfera celeste, acima do observador” (FILHO e SARAIVA, 2014, p. 11). De maneira geral, podemos afirmar que o Zênite se caracteriza pelo momento em que a linha imaginária que se forma verticalmente de qualquer ponto, se encontra com uma localização da esfera do próprio planeta, formando um ângulo.

surgiu no Primeiro Concílio de Niceia, no século IV, estabelecendo, dentre outras recomendações, que a festa fosse celebrada próximo ao equinócio de primavera. Com o passar dos séculos, a discrepância anual não revista dos 11 minutos ocasionou uma diferença bastante significativa na data desse equinócio, de modo que durante o concílio Niceno estava a 21 de março, e no século XVI, depois do pontificado de São Pio V, a 11 de março.

Depois de 6 anos que criou a comissão de estudos acerca dessa temática, o papa Gregório XIII publicou em 24 de fevereiro de 1582 a bula *Inter Gravissimas*, decretando as novas reformas no agora calendário gregoriano. Instituiu a nova data do equinócio de primavera e da correta celebração da festa pascal, suprimindo dez dias do mês de outubro do mesmo ano (que, ao final, totalizariam 11 dias), para que a divergência de dias existentes não viesse a se repetir. O dia posterior a 4 de outubro foi 15 de outubro de 1582.

[7] *Quo igitur vernum aequinoctium , quod a patribus concilii Nicaeni ad XII Kalendas aprilis fuit constitutum, ad eandem sedem restituatur, praecipimus et mandamus ut de mense octobris anni MDLXXXII decem dies inclusive a tertia nonarum usque ad pridie idus eximantur.*

Para que, portanto, o equinócio de primavera, que pelos padres do concílio Niceno foi constituído em 21 de março (12º dia antes das Calendas de abril), junto à mesma sede seja restituído, prescrevemos e mandamos que do mês de outubro do ano 1582, dez dias inclusive, do terceiro [dia antes] das nonas, até as vésperas dos idos, sejam suprimidos. (GREGÓRIO XIII, Bula “*Inter Gravissimas*”, 7)

Em relação à supressão desses dias, há uma curiosidade, acerca da festa de Santa Teresa de Ávila. Teresa foi uma freira que viveu no século XVI, fundadora da Ordem dos Carmelitas Descalços, fruto das reformas do antigo Carmelo. Autora de diversos escritos acerca da vida contemplativa, é um dos baluartes da temática mística cristã. Depois de toda a sua trajetória, faleceu na noite de 4 para 5 de outubro de 1582, quando, na verdade, era já 15 de outubro, por decreto de Gregório XIII em 24 de fevereiro do mesmo ano, através da bula *Inter Gravissimas*. Assim, canonizada por Gregório XV em 1622, 40 anos depois de sua morte, teve sua festa litúrgica fixada a 15 de outubro.

Além de ter seu destaque dentro dos estudos científicos astronômicos e astrofísicos ao longo da história do ser humano, as estações do ano, sobretudo a primavera, estiveram presentes nas narrativas míticas, como forma de retratar aspectos da vida cotidiana das pessoas, ou, muitas vezes, para explicar sua existência, de maneira etiológica ou etimológica.

Já em um dos primeiros escritos da literatura grega, *Trabalhos e Dias*, Hesíodo explica a criação de deuses e homens a partir do mito das cinco raças. A tradição desse mito é contada através de uma ordem de decadência progressiva, ao associar os metais à raça humana, a saber: ouro, prata, bronze e ferro. O autor grego introduz uma quinta raça, fazendo uma quebra nessa progressão, pois a nova raça dos heróis é superior, no que concerne ao *métron* grego, à de bronze, sua antecedente, e também é nela que as raças são dissociadas dos metais. Além do mais, mesmo sendo uma raça concomitante à de bronze, ela não desaparece com a criação da raça de ferro.

A raça de ouro dos homens mortais é a mais justa e piedosa. Apenas nela o poeta grego cita a questão das terras e da abundante colheita, na qual “o fecundo campo, espontâneo, dava o fruto muito e generosamente”<sup>47</sup> (HESÍODO, *Trabalhos e Dias*, 117-118). Com o declínio do modo de viver dos homens, advindo da impiedade praticada durante as raças, o tópico do campo só é tratado novamente na raça dos heróis, quando, “para eles, o fecundo campo dá o fruto doce como mel, desenvolvendo-se três vezes ao ano”<sup>48</sup> (HESÍODO, *Trabalhos e Dias*, 172-173).

No decurso dos versos do poema, Hesíodo parte dessas menções veladas à presença da primavera, no início do texto, e numa sequência de poucos versos mais adiante, conta a narrativa de forma explícita, no exato momento em que a primavera se inicia. O leitor consegue acompanhar o movimento das ações descritas, do mesmo modo com que acontecem, pelo modo com que são contadas.

εὐτ' ἂν δ' ἐξήκοντα μετὰ τροπᾶς ἡελίοιο  
χειμέρι' ἐκτελήσῃ Ζεὺς ἡμάτα, δὴ ρά τότε ἄστηρ 565  
Ἄρκτουρος προλιπὼν ἱερὸν ῥόον Ὠκεανοῖο  
πρῶτον παμφαίνων ἐπιτέλλεται ἀκροκνέφαιος.  
τὸν δὲ μέτ' ὀρθογῶν Πανδιονὶς ὄρτο χελιδὼν  
ἐς φάος ἀνθρώποις, ἔαρος νέον ἵσταμένοιο.

Quando, depois das voltas do sol, cumpra Zeus sessenta dias invernais, já então o astro Arcturo, deixando a divina corrente do Oceano, por primeiro, totalmente brilhante, aparece perto do fim da noite. Depois dele, a filha de Pandíon, andorinha que se lamenta desde a aurora, se lança à luz para os homens, a primavera há pouco se iniciando. (HESÍODO, *Trabalhos e Dias*, 564-569)

<sup>47</sup> Excerto dos versos 117 e 118 de *Trabalhos e Dias*, de Hesíodo. Assim está o texto em grego: καρπὸν δ' ἔφερε ζεῖδωρος ἄρουρα / αὐτομάτη πολλόν τε καὶ ἄφθονον.

<sup>48</sup> Excerto dos versos 172 e 173 de *Trabalhos e Dias*, de Hesíodo. Assim está o texto em grego: τοῖσιν μελιηδέα καρπὸν / τρεῖς ἔτεος θάλλοντα φέρει ζεῖδωρος ἄρουρα.

Arcturo é a estrela alfa da constelação do Boieiro, a mais brilhante delas. Tal constelação é caracterizada por ser visível no céu depois dos tempos inverniais, anunciando o novo tempo primaveril. “Seu nome alude à figura do boieiro que, tendo à mão direita um cajado, segura com a esquerda, por meio de cordas, os Cães de Caça, com os quais monta guarda aos bois da carreta que simboliza a Ursa Maior no céu boreal” (MOURÃO, 1989, p.73).

Segundo Higino, em suas fábulas, Arcturo é o nome celeste que se dá a Icário, pai de Erígone, que acolheu Dioniso em sua casa quando o deus veio à terra “para que dos seus frutos a suavidade e a juncundidade expusesse”<sup>49</sup> (HIGINO, *Fabulae*, CXXX). Foi transformado em constelação junto com a filha e seu cão Mera após ter sido morto por seus vizinhos, inebriados com o vinho, pensando que Icário lhes oferecera os frutos de Dioniso com o intuito de envenená-los. O deus, furioso com o acontecido, lançou uma praga sobre eles e lhes ordenou que prestassem culto ao pai de Erígone.

Já a outra parte dos versos hesiódicos supracitados diz respeito ao mito de Filomela, filha de Pandíon e irmã de Procne, presente no livro VI das *Metamorfoses*, de Ovídio. Tendo sido violentada pelo cunhado, tenta de toda forma denunciá-lo, porém tem a sua língua cortada por ele. Mesmo com esse órgão decepado, consegue avisar à irmã do ocorrido, por meio de bordados em uma tela. Pedindo ajuda aos deuses, as duas são transformadas em pássaros, dos quais, Filomela, numa andorinha. A etimologia de seu nome é controversa. A primeira parte vem de φίλος, *amigo*; a segunda parte, porém, Bailly aponta que pode vir de μήλα ou μήλος, *gado*, que é um alongamento tardio de μέλος, *melodia*. Assim, Filomela poderia ser amiga do canto ou do gado, visto que no gado ela encontra boa temperatura contra os efeitos do inverno que ainda perduram, como também alimento.

À chegada do inverno, as andorinhas saem de seus ninhos a fim de procurar alimentação farta e permanecer em lugares mais amenos, dado que em algumas regiões o clima é rigorosíssimo. Quando percebem que o inverno está por terminar e em seus “ninhos natais” já estão por vir os tempos vernais, fazem o processo migratório de volta. Por esta razão, a andorinha é conhecida como a ave que anuncia a primavera. “Enganamo-nos, ou vem a

---

<sup>49</sup> Excerto da fábula CXXX, de Higino. Assim está o texto em latim: *Vt suorum fructuum suavitatem atque iucunditatem ostenderet.*

andorinha pré-anunciadora da primavera e, regressada, não receia que com ela volte rapidamente o inverno?”<sup>50</sup> (OVÍDIO, *Fastos*, II, 853-854).

Ovídio, depois de narrar as origens do mundo, a separação dos elementos e a criação do homem, nas *Metamorfoses*, faz uma releitura do poema hesiódico do mito das raças, reduzindo-o a quatro idades, suprimida a raça dos heróis. Na idade de ouro, à semelhança do escrito grego, “a própria terra, também imune e não tocada pelo rastro nem ferida por nenhum arado, por si só dava todas as coisas”<sup>51</sup> (OVÍDIO, *Metamorfoses*, I, 101-102). Além de os campos estarem intactos, “a primavera era eterna, e os plácidos Zéfíros com tépidos ares acariciavam flores nascidas sem semente”<sup>52</sup> (OVÍDIO, *Metamorfoses*, I, 107-108). Segundo Ovídio, é na raça de prata que surgem as quatro estações do ano, depois que “Júpiter encurtou os tempos da antiga primavera”<sup>53</sup> (OVÍDIO, *Metamorfoses*, I, 116).

Além desses mitos citados, que explanam a questão do surgimento da primavera nas tradições grega e latina, também há outros diversos que tangem tal temática nas obras, fazendo alusões à estação primaveril no desenrolar das narrativas e também associando-a às moções dos deuses.

Podemos exemplificar isso nos mitos em que estão presentes as deusas Deméter/Ceres e Perséfone/Prosérpina, dentre os quais: o Hino Homérico II a Deméter; grande parte das *Geórgicas*; o rapto de Prosérpina, no livro IV dos *Fastos* e no livro V das *Metamorfoses*, dentre tantos outros.

Na versão do hino homérico, Plutão faz o rapto com o consenso de Zeus; já para Ovídio, nas *Metamorfoses*, a causa se deu por conta de uma das flechas de Cupido, disparada por ordem de sua mãe Vênus, com o intuito de que a filha de Ceres não se mantivesse virgem, do mesmo modo que Palas e Diana já estavam.

---

<sup>50</sup> Excerto dos versos 853 e 854 do livro II dos *Fastos*. Assim está o texto em latim: *Fállimŭr, ān uērīs praēnŭntiā uēnīt hīrŭndō, / nēc mētūīt nē quā uērsā rēcŭrrāt hīēms?*

<sup>51</sup> Excerto dos versos 101 e 102 do livro I das *Metamorfoses*. Assim está o texto em latim: *Īpsā quōquē īmmŭnīs rāstrōquē īntāctā nēc ūllīs / saŭcīā uōmērībŭs pēr sē dābāt ōmnīā tēllŭs.*

<sup>52</sup> Excerto dos versos 107 e 108 do livro I das *Metamorfoses*. Assim está o texto em latim: *Vēr ērāt aētērnŭm, plācīdīquē tēpēntībŭs aūrīs / mŭlcēbānt Zēphŷrī nātōs sīnē sēmīnē flōrēs.*

<sup>53</sup> Excerto do verso 116 do livro I das *Metamorfoses*. Assim está o texto em latim: *Iūppītēr āntīquī cōntrāxīt tēmpōrā uērīs.*

No lago de Pergo, onde a filha de Zeus se diverte, “os ramos dão frescores; o úmido húmus, várias flores. Perpétua é a primavera”<sup>54</sup> (OVÍDIO, *Metamorfoses*, V, 390-391). Plutão aproveita a oportunidade para fazer o rapto, levando-a às regiões do Hades. A mãe, desesperada, sai pelas terras à sua procura, inclusive sendo acolhida em hospitalidade por alguns personagens. Por fim, pede auxílio a Júpiter, pai de sua filha, para que este a fizesse sair das regiões infernais e voltasse ao céu. Recebe a resposta de que ela voltaria caso permanecesse em jejum, contudo, a filha rompe a abstinência ao ingerir sementes de romã. Então “[assim] haveria de ser feito, se Júpiter não tivesse feito um pacto de que durante duas vezes três meses no céu ela estivesse”<sup>55</sup> (OVÍDIO, *Fastos*, IV, 613-614). O poeta continua narrando que “agora a deusa, nume comum de dois reinos, está com a mãe precisamente tantos meses quantos com o cônjuge”<sup>56</sup> (OVÍDIO, *Metamorfoses*, V, 566-567). Enquanto está com a mãe, no céu, com a cabeça coroada de espigas, é primavera e verão na terra. Quando está com o esposo, no Hades, na terra é outono e inverno.

Outro exemplo, senão o maior, acerca das narrativas da primavera, é em relação à deusa Vênus. Ela é assimilada à Afrodite grega, adquirindo desta os atributos que a cultura ausônia julgou mais pertinentes. Há um pequeno texto, atribuído a Florus, que foi descoberto no século XVI, intitulado *Peruigilium Veneris, A Vigília de Vênus*. Esse escrito tem como foco a narrativa sobre a deusa que dá nome à obra e simultaneamente sua relação com a primavera e suas demais atribuições. É estruturado com a alternância de um refrão e suas respectivas estrofes, tendo como metro o setenário trocaico<sup>57</sup>. Já na primeira estância, o poeta afirma:

*Vēr nōuūm, uēr iām cānōrūm; uērē nātūs ōrbīs ēst,  
Vērē cōncōrdānt āmōrēs, uērē nūbūnt ālītēs,  
Ēt nēmūs cōmām rēsōluīt dē mārītīs īmbrībūs.  
Crās āmōrūm Cōpūlātrīx īntēr ūmbrās ārbōrūm*

<sup>54</sup> Excerto dos versos 390 e 391 do livro V das *Metamorfoses*. Assim está o texto em latim: *Frīgōrā dānt rāmī, uārīōs hūmūs ūmīdā flōrēs / pērpētūūm uēr ēst.*

<sup>55</sup> Excerto dos versos 613 e 614 do livro IV dos *Fastos*. Assim está o texto em latim: *Ēt fāctūrā fūit, pāctūs nīsī Iūppītēr ēssēt / bīs trībūs ūt caēlō mēnsībūs illā fōrēt.*

<sup>56</sup> Excerto dos versos 566 e 567 do livro V das *Metamorfoses*. Assim está o texto em latim: *Nūnc dēā, rēgnōrūm nūmēn cōmmūnē dūōrūm, / cūm mātērē ēst tōtīdēm, tōtīdēm cūm cōniūgē mēnsēs.*

<sup>57</sup> “Les vers trochaïques sont caractérisés par l’emploi du trochée ( ~ ~ ). Ils sont de rythme descendant. Parmi les vers trochaïques, les plus usités par Plaute et par Térence sont l’octonaire (8 pieds) et surtout le septénaire (7 pieds et 1 syllabe indifférente). Le trochée admet comme substitutions: le tribraque ( ~ ~ ~ ), le spondee ( ~ ~ ), le dactyle ( ~ ~ ~ ), l’anapeste ( ~ ~ ~ ), le procéleusmatique ( ~ ~ ~ ~ )” – Os versos trocaicos são caracterizados pelo emprego do troqueu ( ~ ~ ). Eles são de ritmo descendente. Entre os versos trocaicos, os mais usados por Plauto e por Terêncio são o octonário (8 pés) e sobretudo o setenário (7 pés e 1 sílaba indiferente). O troqueu admite como substituições: o tríbraco ( ~ ~ ~ ), o espondeu ( ~ ~ ), o dátilo ( ~ ~ ~ ), o anapesto ( ~ ~ ~ ), o proceleusmático ( ~ ~ ~ ~ ) (CART, et al., 19--?, p.160).

Nova primavera, primavera então canora! Na primavera nasceu o orbe; na primavera concordam os amores; na primavera casam-se as aves e o bosque estende a coma das chuvas maritais. Amanhã a Copuladora dos amores, entre as sombras das árvores enlaça as cabanas verdejantes de rebento mírteo. (FLORUS, *Peruigilium Veneris*, 2-4).

Assim, acerca da deusa Vênus e de suas multifacetadas, refletidas especialmente no texto do *Peruigilium Veneris*, afirma Schilling: “desde então, o poeta pode enumerar seus títulos numa espécie de ladainha: deusa cósmica da procriação, deusa tutelar de Roma, deusa das forças vegetais, soberana dos animais e dos pássaros”<sup>58</sup> (SCHILLING, 2003, p.52).

Nos versos de 91 a 132 do livro IV dos *Fastos*, Ovídio se propõe a cantar também um hino a Vênus, elencando justamente todas as peculiaridades conferidas a ela, tais como o de ser a que une os seres no casamento<sup>59</sup> ou ainda a de mantenedora da organização cósmica<sup>60</sup>, gerando a própria natureza e os homens<sup>61</sup>. O hino é encerrado com os versos que indicam exatamente a amplitude que Vênus tem em relação à estação primaveril:

*Nēc Vēnērī tēmpūs, quām uēr, ērāt āptiūs ūllūm  
(uērē nītēt tērraē, uērē rēmīssūs āgēr;  
nūnc hērbaē rūptā tēllūrē cācūmīnā tōllūt,  
nūnc tūmīdō gēmmās cōrticē pālmēs āgīt),  
ēt fōrmōsā Vēnūs fōrmōsō tēmpōrē dīgnā ēst,  
ūtquē sōlēt, Mārtī cōtīnūātā sūō ēst.  
Vērē mōnēt cūruās mātērnā pēr aēquōrā pūppēs  
īrē nēc hībērnās iām tīmūissē mīnās.*

E não havia nenhum tempo mais apto a Vênus do que a primavera (na primavera brilham as terras; na primavera, amolecido o campo; agora, as ervas levantam os cumes da terra rompida; agora, com túmido córtice, o sarmento empurra os gomos à

<sup>58</sup> Excerto da introdução de Robert Schilling ao livro *La Veillée de Vénus*. Assim está o texto em francês: *Dès lors, le poète peut énumérer ses titres dans une sorte de litanie: déesse cosmique de la procréation, déesse tutélaire de Rome, déesse des forces végétales, souveraine des animaux et des oiseaux.*

<sup>59</sup> Ovídio assevera essa questão nos versos 97 e 98 do livro IV dos *Fastos*. Assim está o texto em latim: *Īllā rūdēs ānīmōs hōmīnūm cōntrāxīt īn ūnūm, / ēt dōcūīt īūngī cūm pārē quēmqūē sūā* – Ela contraiu os rudes ânimos dos homens para um só, e ensinou a cada um ser jungido com seu par.

<sup>60</sup> Ovídio assevera essa questão nos versos de 91 a 93 do livro IV dos *Fastos*. Assim está o texto em latim: *Īllā quīdēm tōtūm dīgnīssīmā tēmpērāt ōrbēm, / illā tēnēt nullō rēgnā mīnōrā dēō, / iūrāquē dāt caēlō, tērraē, nātālībūs ūndīs* – Ela, na verdade, digníssima, dirige todo o orbe; ela tem reinos menores do que nenhum deus, e as leis dá ao céu, à terra e às ondas natais.

<sup>61</sup> Ovídio assevera essa questão nos versos de 94 a 96 do livro IV dos *Fastos*. Assim está o texto em latim: *Pērquē sūōs inītus cōntīnet omne genus. / Illa deos ōmnes (lōngum est numerare) creauīt, / illa satis causas arboribusque dedit* – E por seus coitos contém todo nascimento. Ela todos os deuses (longo é enumerar) criou, e ela deu causas às árvores.

frente), e a formosa Vênus é digna do formoso tempo, e, como costuma, sucede a seu Marte. Na primavera, ensina as curvas popas ir pelos mares maternos, e já não ter temido as ameaças do inverno. (OVÍDIO, *Fastos*, IV, 125-132)

Assim, sob o patrocínio de Vênus, como deusa primordial da primavera, veremos como o nascimento e a fundação de Roma possuem uma intrínseca ligação com o tempo vernal e com seus efeitos no cotidiano da população, de modo geral.

## CAPÍTULO IV: O CALENDÁRIO ROMANO E A PRIMAVERA

No capítulo anterior discurremos sobre a primavera e suas características, tanto sob a ótica científica quanto sob a ótica mítica. Sabendo então como se configuram as duas seções que serão tratadas neste capítulo, podemos dissertar sobre os vínculos intrínsecos entre o calendário romano e a primavera.

### 4.1 O papel de Vênus no decorrer das ações da Troia-Roma

Um dos textos primordiais para apontar a evidência da fundação da cidade de Roma é o próêmio da *Eneida*, de Virgílio, que compreende os 11 primeiros versos da obra. Esses versos são reiterados pela profecia de Júpiter a Vênus, presente nos versos de 257 a 296 do mesmo livro I da *Eneida*. A deusa, vertendo muitas lágrimas por conta do infindável sofrimento do filho Eneias na guerra, vai até Júpiter, seu pai<sup>62</sup>, para suplicar-lhe. O deus então diz-lhe a profecia, de modo a tranquilizá-la. Afirma que Eneias fundará o reino de Lavínio, tendo saído incólume da Troia devastada, para fundar as bases da nova cidade e reinar nela por três anos. O sucessor é seu filho Ascânio, ou Iulo, que governará por trinta anos, transferindo a capital de seu reino para Alba Longa. A descendência troiana então exercerá tais domínios durante trezentos anos, até que a princesa Ília conceba de Marte dois gêmeos, Rômulo e Remo, para que eles enfim estabeleçam as bases da cidade do povo ausônio, que ganhará um império sem fim.

Desde então, podemos afirmar que Vênus incumbe a si mesma a tarefa de organizar a trama das ações, de modo que a profecia de Júpiter aconteça tal qual foi proferida. Era ela quem protegia os troianos na guerra, estando presente inclusive no combate, passível de ser atacada pelos inimigos. Ovídio afirma que “a favor de tua Troia, romano, Vênus armas portava, quando, ferida pela cúspide, ela lamentou gemendo a tenra mão”<sup>63</sup> (OVÍDIO, *Fastos*, IV, 119-120). Aqui o autor latino faz menção a dois acontecimentos, narrados em obras distintas. Em primeiro lugar, lembra ao romano de sua origem, de *sua Troia*, aludindo à passagem supracitada da

---

<sup>62</sup> Em algumas versões do mito de Vênus, ela é filha de Júpiter e Dione, diferentemente da versão em que nasce a partir das espumas do mar.

<sup>63</sup> Excerto dos versos 119 e 120 do livro IV dos *Fastos*. Assim está o texto em latim: *Prō Troiā, Rōmānē, tuā Vēnūs ārmā fērēbāt, / cūm gēmūit tēnērām cūspidē laēsā mănūm.*

profecia de Júpiter, na *Eneida*, da Roma descendente de Eneias. Em segundo ponto, o episódio do canto V da *Ilíada*, verso 330 e seguintes, em que Diomedes atinge a deusa na parte do pulso, acima da palma da mão, depois de persegui-la, dado que ela protegeu Eneias e o carregava em seus braços, para livrá-lo da morte, depois que o Tídeu o atingiu com uma rocha lacerante.

Com efeito, Florus também dedica uma parte do *Peruigilium Veneris* para fazer a tessitura das ações da deusa romana, repetindo por três vezes o pronome *ipsa*, nos versos 69, 70 e 72, a fim de mostrar, por meio da anáfora, o tom reiterativo de que a própria deidade realiza essas ações:

*Īpsā Troiānōs nēpōtēs īn Lātīnōs trānstūlīt;  
Īpsā Laūrēntēm pūellām cōniūgēm nātō dēdīt;        70  
Mōxquē Mārtī dē saccēllō dāt pūdicām uīrgīnēm;  
Rōmūlēās īpsā fēcīt cūm Sābīnīs nūptiās,  
Vīndē Rāmnēs ēt Quīrītēs prōquē prōlē pōstērūm  
Rōmūlī, pātrēm crēārēt ēt nēpōtēm Caēsārēm.*

**Ela mesma** transferiu os descendentes troianos para os latinos; **ela mesma** deu a moça Laurente como cônjuge ao filho; e logo após, do pequeno santuário, dá a pudica virgem a Marte; **ela mesma** fez as romúleas núpcias com as sabinas, donde, os Ramnes e os Quirites, e a favor da prole posteriormente de Rômulo, criaria o pai e descendente César (FLORUS, *Peruigilium Veneris*, 69-74).

Nesta parte de seu texto, o autor elenca uma das faculdades de Vênus, como sendo a deusa titular de Roma. Em primeiro lugar, cita a transferência dos deuses de Troia para o Lácio por seu intento e profecia de Júpiter; em seguida, o acontecimento de ter concedido Lavínia como esposa a seu filho, tendo saído da região troiana; logo após, a entrega de Reia Sílvia a Marte, para que dele ela concebesse os gêmeos Remo e Rômulo, ilustre fundador da urbe dos romanos; por fim, citando “as romúleas núpcias com as sabinas”, no verso 72, lembra o episódio do Rapto das Sabinas, quando Roma já havia sido fundada, onde, mesmo sendo lícito o casamento com estrangeiras, nenhuma queria se casar com os homens romanos, e, pela força de Vênus e ordem de Marte, ocorreu enfim o coito dos latinos com as sabinas.

#### 4.2 Eneias

Antes mesmo de ser suscitada essa questão de como ordenar os fatos para que se cumprisse o que Júpiter dissera, um fato primordial acontecia: Vênus já dava à luz o seu filho

Eneias. A forma com que Ovídio escreve faz parecer com que já houvesse uma premeditação: “E de Assáraco nora ela foi dita, para que sem dúvida um dia o magno César tivesse júlios avós”<sup>64</sup> (OVÍDIO, *Fastos*, IV, 123-124). Assáraco é da linhagem troiana, pai de Anquises e avô de Eneias. Este, além de ter a deusa como mãe, é da descendência de Dárdano, fruto da união de Electra, a Atlantíada, e Júpiter. Assim, Eneias traz em sua estirpe os dois deuses mais importantes do Olimpo. Os “júlios avós” fazem menção a Ascânio ou Iulo, filho de Eneias e Creúsa, a ponte de ligação entre César e tal descendência troiana, chamada *gens Iulia*.

Na tradição grega, o herói já aparece sendo o eleito pelos deuses por causa de sua piedade e aquele que leva consigo a condição de preservador e continuador de uma raça. Os versos 298 e 299 do canto XX da *Ilíada* atestam seu aspecto piedoso em relação à oferta constante de presentes aos deuses, rendendo-lhes as honras devidas e prestando-lhes seus cultos.

No mundo latino, a figura de Eneias surge como aquele que resume em si todas as características intrínsecas acerca do que é a *pietas* romana. “Eneias é o chefe do culto, o homem sagrado, o divino fundador, donde a missão é de salvar os Penates da cidade”<sup>65</sup> (COULANGES, 1864, p.180). No verso 220 do primeiro livro da *Eneida*, o personagem recebe pela primeira vez o epíteto de *pious Aeneas*. Já nos versos 378 e 379 do mesmo livro, ele mesmo confere a si esse título: “sou o pio Eneias; raptados da classe hostil, os Penates eu transporte comigo, pela fama acima dos éteres conhecido”<sup>66</sup> (VIRGÍLIO, *Eneida*, I, 378-379).

Assim, esse homem religioso, imbuído da missão de fundar um novo território, traz consigo um enorme dever, e pode-se dizer até que porta através de seu exemplo a própria cidade e todos os seus descendentes. Adquirindo o respeito tributado pelos homens, a população cria festas em sua honra, de modo a incluir no calendário aquele dia importante no qual se prestavam cultos ao fundador da cidade.

Tendo em vista que Eneias recebera dos deuses a missão de transportar os deuses de Troia e introduzi-los na nova terra do Lácio, tendo estabelecido as bases da cidade, ele não pode

<sup>64</sup> Excerto dos versos 123 e 124 do livro IV dos *Fastos*. Assim está o texto em latim: *Assārācīquē nūrūs dīctā ēst, ūt scīlīcēt ōlīm / māgnūs Iūlēōs Caēsār hābērēt āuōs*.

<sup>65</sup> Excerto do capítulo V do livro terceiro de *La Cité Antique*, de Fustel de Coulanges. Assim está o texto em francês: *Énée est le chef du culte, l'homme sacré, le divin fondateur, dont la mission est de sauver les Pénates de la cité*.

<sup>66</sup> Excerto dos versos 378 e 379 do livro I da *Eneida*. Assim está o texto em latim: *Sūm pīūs Aēnēās, rāptōs ēx hōstē Pēnātēs / clāssē uēhō mēcūm, fāmā sūpēr aēthērā nōtīs*.

ser caracterizado como um herói guerreiro, mas como um herói fundador. No livro terceiro de *La Cité Antique*, na seção V, acerca do culto do fundador e da lenda de Eneias, Fustel afirma:

*Le fondateur était l'homme qui accomplissait l'acte religieux sans lequel une ville ne pouvait pas être. C'était lui qui posait le foyer où devait brûler éternellement le feu sacré; c'était lui qui par ses prières et ses rites appelait les dieux et les fixait pour toujours dans la ville nouvelle. On conçoit le respect qui devait s'attacher à cet homme sacré. De son vivant, les hommes voyaient en lui l'auteur du culte et le père de la cité; mort, il devenait un ancêtre commun pour toutes les générations qui se succédaient; il était pour la cité ce que le premier ancêtre était pour la famille, un Lare familial. Son souvenir se perpétuait comme le feu du foyer qu'il avait allumé. On lui vouait un culte, on le croyait dieu et la ville l'adorait comme sa Providence. Des sacrifices et des fêtes étaient renouvelés chaque année sur son tombeau.*

O fundador era o homem que cumpria o ato religioso sem o qual uma cidade não podia existir. Era ele quem estabelecia o lar onde devia brilhar eternamente o fogo sagrado; era ele quem, por suas orações e seus ritos, invocava os deuses e os fixava para sempre na nova cidade. Concebe-se o respeito que se devia associar a este homem sagrado. Durante sua vida, os homens viam nele o autor do culto e o pai da cidade; morto, ele se tornava um ancestral comum para todas as gerações que se sucediam; ele era para a cidade o que o primeiro ancestral era para a família, um Lar familiar. Sua lembrança se perpetuava como o fogo do lar que ele tinha acendido. Dedicava-se a ele um culto, acreditava-se ele um deus e a cidade o adorava como sua providência. Sacrifícios e festas eram renovados cada ano sobre seu túmulo. (COULANGES, 1864, p. 177)

Percebe-se também a clara referência da piedade do filho de Vênus em relação aos deuses e à pátria. Os versos 657 e 658 do livro II da *Eneida* acrescentam outro aspecto de sua piedade, em relação ao pai, no episódio da iminência da destruição de Troia: “genitor, receaste que eu pudesse ir embora, tu tendo sido abandonado?”<sup>67</sup> (VIRGÍLIO, *Eneida*, II, 657-658). Esses versos são reiterados pelos versos 707 e 708: “portanto, vamos, caro pai, pôr-se em nosso pescoço; eu mesmo virei por baixo com os ombros e esse labor não me pesará”<sup>68</sup> (VIRGÍLIO, *Eneida*, II, 707-708). E acrescenta ainda, nos versos 718 e seguintes, que não poderá tocar nos Penates enquanto não se purificar nas águas de um rio, tendo em vista que saiu de uma matança terrível, para não cometer uma desmedida contra os deuses.

O indivíduo caracterizado como religioso preza por estar inserido continuamente num universo também religioso, ciente da moral e de costumes que são amplamente difundidos entre todos, alguns considerados até inatos, como, e.g., o senso de justiça. Essas questões muitas

<sup>67</sup> Excerto dos versos 657 e 658 do livro II da *Eneida*. Assim está o texto em latim: *Mēnē ēfferrē pēdēm, gēnītōr, tē pōssē rēlīctō / spērāstī [...]*?

<sup>68</sup> Excerto dos versos 707 e 708 do livro II da *Eneida*. Assim está o texto em latim: *Ērgō āgē, cārē pātēr, cēruīcī īmpōnērē nōstraē; / īpsē sūbībō ūmērīs nēc mē lābōr īstē grāuābīt.*

vezes são os fatores decisivos para que esse indivíduo atinja um nível perante os homens advindo de uma intimidade com o divino.

#### 4.3 Os deuses da cidade

Dentro das literaturas clássicas há diversos exemplos de indivíduos piedosos, obedientes à vontade dos deuses e que, por esse motivo, são escolhidos para realizarem determinada ação, participando da atividade criadora e renovadora dos deuses, como também desvelando o caráter sacro.

Para Eneias era indispensável, se deveria estabelecer as bases da nova Troia, transportar de uma cidade para outra os seus Penates. “Cada cidade tinha deuses que não pertenciam senão a ela. Esses deuses eram, ordinariamente, da mesma natureza que aqueles da religião primitiva das famílias. Chamam-se Lares, Penates, Gênios, Demônios, Heróis”<sup>69</sup> (COULANGES, 1864, p. 184). Inclusive, Ovídio reitera a função dos deuses Lares para os romanos: “Os Lares, que preservam os cômputos e vigiam sempre em nossa urbe”<sup>70</sup> (OVÍDIO, *Fastos*, II, 615-616).

A cidade que possuía o seu próprio deus protetor não admitia que os estrangeiros que ali chegassem fossem protegidos sob a tutela dessas divindades, muito menos que elas recebessem cultos por parte de um forasteiro. Se existiam os deuses titulares de cada cidade, conseqüentemente ritos, particulares de cada lugar, eram celebrados em favor deles. Pode-se afirmar então que a multiplicidade é uma das principais características da riqueza da religião antiga, limitando-se à própria cidade onde está inserida, conferida pela figura ilustre do fundador.

Os homens prestavam culto às divindades da cidade para conseguir delas proteção para si e para suas famílias. Os deuses, por sua vez, para concederem as benesses que lhes eram solicitadas, requisitavam sempre oferendas em seus altares – como frutas, bolos, alimentos em

---

<sup>69</sup> Excerto do capítulo VI do livro terceiro de *La Cité Antique*, de Fustel de Coulanges. Assim está o texto em francês: *Chaque cité avait des dieux qui n'appartenaient qu'à elle. Ces dieux étaient ordinairement de même nature que ceux de la religion primitive des familles. On les appelait Lares, Pénates, Génies, Démons, Héros.*

<sup>70</sup> Excerto dos versos 615 e 616 do livro II dos *Fastos*. Assim está o texto em latim: [...] *quī cōmpitā sēruānt / ēt uīgīlānt nōstrā sēmpēr in ūrbē Lārēs.*

geral, vinho, perfumes e até danças –, reiteradas por sacrifícios de animais. Numa conclusão instantânea, havia uma troca de favores entre as duas categorias.

Mais especificamente em relação à cidade, os deuses protetores sempre tinham muito esmero e sempre faziam o possível para realmente cuidar daquela região. Nos primeiros versos da *Eneida*, Virgílio apresenta Juno como a deusa que habitava Cartago e que nutria por este local uma preferência especial, de modo a querer um dia fazer dela a soberana dentre os povos. Outro exemplo, ainda, Marte, tão zeloso por Roma, que gerou o fundador da Urbe no seio de Reia Sílvia.

Podemos entender então o quanto a questão dos deuses da cidade é importante, dado que só através deles a cidade poderia ser fundada e erguida. A transferência dos Penates por Eneias e a fundação do reino de Lavínio é o ponto onde se encontra a fusão dos mitos de Eneias e o da loba e os gêmeos latinos, mesmo havendo a diferença de mais de 300 anos entre o final dos acontecimentos da *Eneida* e a fundação da Urbe.

#### 4.4 A fundação de Roma

Afirma-se que a Roma primitiva foi fundada no ano de 753 a.C., através de Rômulo, segundo a tradição literária. A genealogia riquíssima desta personagem retoma o passado glorioso de onde surgiu, partindo de Júpiter e passando por Vênus, Eneias, Iulo, Marte e Ília, sua mãe.

Ovídio narra que durante a manhã, um dia a vestal Reia Sílvia se encaminhava ao rio, a fim de trazer águas para as purificações. Cansada, decidiu parar um pouco para descansar, e, envolvida pela ação da brisa, das aves e do barulho do rio, acabou adormecendo, ao passo que o deus das guerras, ao vê-la, não hesitou em tomá-la e ter relações com ela. Quando esta acordou, já grávida, pensou ter tido um sonho, no qual visualizou que a fita de lã que prendia seus cabelos havia caído sobre o altar de Vesta, uma simbologia da quebra da castidade e da concepção das crianças. Além disso, viu que duas palmas surgiam juntas (seus filhos), mas que uma delas era maior (Rômulo), e com seus ramos cobria totalmente o mundo. Seu tio (Amúlio), ainda no sonho, desejava matar as palmas, porém, o picanço de Marte e uma loba (animais consagrados ao deus) as salvavam e as protegiam.

Amúlio é o responsável por destronar o seu irmão, Numitor, o décimo segundo sucessor de Ascânio, no reino de Alba Longa. Tendo Reia dado à luz os gêmeos, Amúlio mandou lançá-los às águas do Tibre, a fim de afogá-los. Os meninos, porém, foram conduzidos pelo rio a um lugar seco, parando sob a sombra da figueira Ruminal, próximo à caverna Lupercal, onde foram encontrados pela loba capitolina e amamentados por ela.

A tradição literária também afirma que, enquanto eram amamentados pela loba capitolina, Rômulo e Remo foram achados por Fáustulo, esposo de Aca Larência e chefe dos pastores de Amúlio. O casal então adotou os gêmeos e cuidou deles até os dezoito anos, quando os camponeses e pastores, vendo o exemplo dos irmãos, já pediam a Rômulo que aplicasse justiça aos ladrões. Pela romúlea espada, Amúlio foi assassinado e o trono devolvido ao seu avô Numitor, que, em recompensa, lhes cedeu a parte do reino que compreendia a região da futura Roma.

Não poderia haver um reinado caracterizado em dupla. Precisavam recorrer a algum meio que lhes assegurasse quem deveria subir ao trono e comandar a nova cidade. Sempre prudente, Rômulo afirma que não há necessidade de disputa, mas que consultar as aves seria o suficiente para tomarem a decisão. Ele decide ir ao monte Palatino, ao passo que Remo, ao Aventino. Este vê seis aves voando sobre sua cabeça; aquele, doze aves. Rômulo então é o rei da Urbe.

Escolheu-se o dia para que se fizessem os ritos de fundação da cidade, mais especificamente a 21 de abril, nas festas Parílias, em honra de Pales, uma divindade romana ligada aos pastores e às pastagens, ora cultuada como feminino, ora como masculino. Todos os anos, nesta data, era comemorado o episódio da edificação das muralhas de Roma.

Como estava prescrito, para dar início às cerimônias, Rômulo deveria fazer uma purificação de todos os que estavam ali presentes, visto que, antes de se dirigirem ao Palatino, os homens moravam ou em Alba ou em outra cidade vizinha, onde estavam seus lares, e por conseguinte, seus próprios deuses e sua religião.

*Le jour de la fondation venu, il offre d'abord un sacrifice. Ses compagnons sont rangés autour de lui; ils allument un feu de broussailles, et chacun saute à travers la flamme légère. L'explication de ce rite est que, pour l'acte qui va s'accomplir, il faut que le peuple soit pur; or les anciens croyaient se purifier de toute tache physique ou morale en sautant à travers la flamme sacrée.*

Chegado o dia da fundação, ele (Rômulo) oferece primeiramente um sacrifício. Seus companheiros estão arrumados em torno dele; eles acendem um fogo de matos e cada um salta através da chama leve. A explicação deste rito é que, pelo ato que vai se cumprir, é necessário que o povo esteja puro; ora, os anciãos acreditavam se purificar de toda mancha física ou moral saltando através da chama sagrada. (COULANGES, 1864, p. 169)

Assim agiu o rei da cidade, em relação ao início das cerimônias nas quais ia presidir. Era preciso que todos se libertassem de toda e qualquer impiedade ao proceder os ritos, pois, como veremos nos versos mais adiante, no fosso que era cavado na fundação da cidade, colocava-se a “terra pedida do solo vizinho”. O homem não podia morar em outro lugar sem levar consigo uma parte de seu solo e de seus ancestrais, porque acreditava-se que assim, no novo lugar que estava sendo erigido, também estava presente uma parte de sua pátria e família. Ovídio assim narra sobre os ritos da fundação:

*Fōssā fīt ād sōlīdūm, frūgēs iāciūntūr īn īmā  
ēť dē uīcīnō tērrā pētītā sōlō.  
Fōssā rēplētūr hūmō, plēnaēquē īmpōnītūr ārā,  
ēť nōuīs āccēnsō fūngītūr īgnē fōcūs.  
Indē prēmēns stīuām dēsīgnāt moēnīā sūlcō;  
ālbā iūgūm nīuēō cūm bōuē uāccā tūlīt.*

Um fosso é feito ao chão, frutos são jogados para o fundo e a terra pedida do solo vizinho. O fosso é preenchido com terra e é imposta uma ara [no fosso] pleno e o novo altar [larário] suporta o fogo aceso. Daí, premendo a rabiça, [Rômulo] designa as muralhas com um sulco; alva vaca com nível boi levou o jugo. (OVÍDIO, *Fastos*, IV, 821-826).

Estabelecendo além das bases da cidade, o rei cria um altar sob o qual acenderá o larário, suportando o fogo aceso, da mesma forma que as casas eram levantadas em torno do fogo doméstico. Percebe-se também a minúcia dos detalhes determinados no ritual, como premer a rabiça do arado, designar as muralhas, impor o jugo da carroça com a relha sobre um boi e uma vaca brancos etc.

Terminadas as cerimônias ritualísticas, Ovídio afirma que “Rômulo, quando circundou o bosque sagrado com alto muro, ‘qualquer que seja, a este lugar’ disse ‘refugia-te; seguro estarás’”<sup>71</sup> (OVÍDIO, *Fastos*, III, 431-432). O rei ainda estabelece que ninguém acesse ou os

<sup>71</sup> Excerto dos versos 431 e 432 do livro III dos *Fastos*. Assim está o texto em latim: *Rōmūlūs, ūť sāxō lūcūm cīrcūmdēdīt āltō, / ‘Quīlibēt hūc’ īnquīt ‘cōnfūgē; tūtūs ērīs’*.

muros ou o fosso feito com a relha e adverte ao seu oficial Célere, que, caso acontecesse, o destino seria a morte. “Donde Remo, não sabendo, começou a menosprezar os humildes muros e “com estas coisas o povo” disse “seguro estará?”<sup>72</sup> (OVÍDIO, *Fastos*, IV, 841-842). Podemos perceber o contraponto do que disse Rômulo no livro terceiro, afirmando que todo aquele que estiver dentro dos muros sagrados, estará protegido, enquanto Remo, no capítulo quarto, desdenhou dos muros e saltou por cima deles; Célere o acertou com a enxada e foi morto.

*Cette enceinte tracée par la religion est inviolable. Ni étranger ni citoyen n'a le droit de la franchir. Sauter par-dessus ce petit sillon est un acte d'impiété; la tradition romaine disait que le frère du fondateur avait commis ce sacrilège et l'avait payé de sa vie.*

Esta muralha traçada pela religião é inviolável. Nenhum estrangeiro nem cidadão tem o direito de atravessá-la. Saltar por cima desse pequeno sulco é um ato de impiedade; a tradição romana dizia que o irmão do fundador tinha cometido este sacrilégio e tinha pago com a sua vida. (COULANGES, 1864, p. 171)

Assim, desde os primórdios da fundação operada por Rômulo, em 21 de abril de 753 a.C., e do consequente crescimento do local, a cidade de Roma era caracterizada por uma sociedade eminentemente agrícola, ligada à natureza, e sobretudo à primavera. Em vários trechos da obra ovidiana é reforçada a informação de que a Urbe nasceu rural, inclusive no modo de viver de seu fundador: “A pequena cabana continha o Martígena Quirino e a ulva do rio dava o exíguo leite”<sup>73</sup> (OVÍDIO, *Fastos*, I, 199-200). Marte ainda afirma, falando de seu filho: “se procuras saber qual tenha sido a régia de nosso filho, olha para a casa de cana e de colmos”<sup>74</sup> (OVÍDIO, *Fastos*, III, 183-184).

Para os romanos primitivos, não havia vergonha em beneficiar-se da terra ou de dormir sobre a palha e repousar sobre o feno. Os senadores apascentavam ovelhas e o pretor julgava os casos, a ponto de ter uma folha de prata ser considerado crime, segundo os textos ovidianos. Virgílio afirma, no segundo livro das *Geórgicas*, acerca da vida do campo:

<sup>72</sup> Excerto dos versos 841 e 842 do livro IV dos *Fastos*. Assim está o texto em latim: *Quōd Rēmūs ignōrāns hūmīlēs cōtemnērē mūrōs / coēpīt, ēt ‘Hīs pōpūlūs’ dīcērē ‘tūtūs ērīt?’*.

<sup>73</sup> Excerto dos versos 199 e 200 do livro I dos *Fastos*. Assim está o texto em latim: [...] *Cāsā Mārtīgēnām cāpībāt pārūā Quīrīnūm, / ēt dābāt ēxīgūūm flūmīnīs ūlūā tōrūm*.

<sup>74</sup> Excerto dos versos 183 e 184 do livro III dos *Fastos*. Assim está o texto em latim: *Quaē fūrīt nōstrī sī quaērīs rēgīā nātī, / āspicē dē cānnā strāmīnībūsquē dōmūm*.

*Hānc ōlīm uēterēs uītām cōlūerē Sābīnī,  
hānc Rēmūs ēt frātēr: sīc fōrtīs Ētrūrīā crēuīt  
scīlicēt ēt rērūm fāctā ēst pūlcherrīmā Rōmā  
sēptēmqŭē ūnā sībī mūrō cīrcūmdēdīt ārcēs.* 535

Esta vida um dia os antigos sabinos praticaram; esta, Remo e o irmão: assim, a forte Etrúria cresceu sem dúvida, e dessas empresas, Roma tornou-se belíssima, e, uma só, circundou com um muro sete colinas. (VIRGÍLIO, *Geórgicas*, II, 532-535)

As colinas a que Virgílio se refere, em relação à constância da vida da agricultura e que Roma circundou são os montes Palatino, Esquilino, Aventino, Capitolino, Célio, Viminal e a colina do Quirinal. Roma sempre teve uma forte correlação com a terra. “À origem, Roma passa por ter sido fundada pelo pastor Rômulo, e a rudeza, a simplicidade da vida camponesa permaneceram sempre como um ideal presente na consciência romana”<sup>75</sup> (GRIMAL, 1981, p. 254).

Apesar de que com o passar dos anos o estabelecimento comercial, cultural, religioso etc. tenha se consolidado, as origens da cidadela pequena e sua íntima relação com o campo e com a natureza nunca foram esquecidas pela população, de modo que os poetas em seus textos não cansam de fazer alusões a essa temática nem de utilizá-las como ponto de partida para seus escritos.

Uma prova da piedade, acima de tudo, e de que o povo romano sempre foi votado à natureza e à primavera, se pauta na escolha de Rômulo, ao instituir o calendário, que era a base da vida do povo ausônio, escolher seus deuses ancestrais para compor logo os primeiros meses do ano. Marte, pai do fundador da urbe, além das suas atribuições como deus da guerra, também possui menções de um deus cujas festas são eminentemente agrárias, inclusive tendo em seu mês o equinócio de primavera. Vênus, presente na genealogia romana desde o começo, ao mesmo tempo passa às gerações o encantamento da primavera.

Os deuses genitores que assistem os primórdios do povo romano também reiteram a presença da natureza e do poder de criação, que esculpem o novo ciclo que há de ser formado. O dia exordial do calendário de Rômulo, primeiro de março, está sob os cuidados de Juno, dado

---

<sup>75</sup> Excerto do capítulo VII de *La Civilisation Romaine*, de Pierre Grimal. Assim está o texto em francês: *À l'origine, Rome passe pour avoir été fondée par le berger Romulus et la rudesse, la simplicité de la vie paysanne demeurèrent toujours un idéal présent à la conscience romaine.*

que a ela eram consagradas as Calendas, porém, neste mês, de forma especial. É a data em que são celebradas as festas matronálias, em honra das matronas romanas auxiliadas pela deusa. Marte afirma que mesmo sendo o deus relacionado às questões da guerra, é invocado por mulheres, e ainda como o deus da paz. Ele aponta o motivo pelo qual as mães sabinas devam celebrá-lo em suas Calendas, ou porque conseguiram parar a guerra através de sua piedade, ou porque cultuam também Ília, tornada mãe pelo deus marcial.

Após a narrativa de Ovídio acerca das festas matronálias e do episódio das mulheres sabinas, o poeta continua, no início do livro III dos *Fastos*, por falar da chegada da primavera, quando o inverno termina, a folhagem retorna às árvores e o campo torna-se fértil novamente. Do mesmo modo que as mulheres do Lácio têm o dever de prestar culto a Marte, também o devem fazer a Juno, e honrá-lo através de sua mãe. Ainda neste dia inicial do ano, elas erguem em honra da esposa de Júpiter um templo, no qual a invocam sob o título de Lucina, fazendo menção à luz que lhes é concedida pela deusa, para que conseguissem obter bons partos.

Como deusa do lar e da família, sobretudo, Juno é colocada numa exaltação às mulheres, criadoras por excelência. O nascimento das crianças pode ser configurado com a primavera e seu desabrochar, pois, tal como os bebês vêm ao mundo após terem passado um período escondidos, ocultos no ventre da mãe, a estação primaveril vem à tona após ter passado velada sob o ventre da terra, à espera de que surja com ela novamente a vida e toda uma civilização. Ovídio então arranja o poema-calendário de tal maneira que o construa como a oficialização da primavera e da sociedade que acaba de nascer, sob os auspícios dos deuses.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar o calendário é debruçar-se sobre um tema vastíssimo, que abre margem para diversos tipos de abordagens e inúmeras possibilidades de intertextualidade, pois através dessa vivência do cotidiano trazida pela contagem dos dias, principalmente da cultura romana, conseguimos entender quais eram os costumes, as práticas religiosas, as relações comerciais, o vínculo familiar e outras numerosas circunstâncias que envolviam os comportamentos das sociedades antigas.

Dentre as inúmeras possibilidades de intertextualidades, partindo especificamente do calendário ausônio, uma das que mais chama a atenção é a sua relação com a primavera. Esta é a estação do ano mais propícia aos amores, às colheitas das searas, das plantações, do desabrochar das flores e, sobretudo, época de culto consagrado das divindades mais importantes do Lácio, presentes desde sua fundação. Além de todas as suas mercês, o tempo primaveril proporciona em proveito dos poetas um grande deleite na arte da escrita de suas obras, de modo que eles as desabotoem juntamente com as rosas vernais.

Ovídio, seguindo o exemplo de Hesíodo, transpôs a matéria referente a essa temática, presente nos escritos da cultura grega, para um ideal totalmente romano, exaltando a *romanitas*, ou a “romanidade”, celebrada não apenas na figura do imperador, mas também na simbologia da Roma Augustana e posteriormente Tiberiana, senhora do mundo.

Com efeito, os próprios deuses reconhecem o trabalho do poeta de Sulmona, quando Juno, e.g., no livro VI dos *Fastos*, explica a ele o fato de que o mês de junho advém do seu nome, e diz: “ó vate, **fundador** do ano romano, que ousou referir grandes coisas por modos exíguos”<sup>76</sup> (OVÍDIO, *Fastos*, VI, 21-22). A deusa o intitula de *uātēs, Rōmānī cōndītōr ānnī*, e é interessantíssimo o adjetivo empregado, *cōndītōr*, que advém de *condēre*, verbo utilizado para designar a fundação de cidades. Ovídio então é tido como fundador, aquele que retrata a fundação do ano da cidade de Roma no âmbito literário, ao compor seu calendário poético em dísticos elegíacos, expondo a vivência do povo augustano e se coloca praticamente no mesmo patamar que o célebre Rômulo. Mais um detalhe que pode-se perceber na métrica é a gravidade das palavras que a deusa utiliza, no verso 21, todas com as sílabas longas, excetuando *cōndītōr*,

---

<sup>76</sup> Excerto dos versos 21 e 22 do livro VI dos *Fastos*. Assim está o texto em latim: [...] ‘ō uātēs, Rōmānī cōndītōr ānnī, / aūsē pēr ēxīgūōs māgnā rēfērrē mōdōs.

visto que designa o quinto pé deste hexâmetro dactílico, e, por essa razão, deve conter um dáctilo.

Marte e Vênus, ambos deuses da primavera, representam aparentemente forças opostas: a primeira, relacionada à guerra, não é apenas destruição, mas por meio dela a Urbe estabelece o poder para se tornar a cabeça do mundo; a outra, da força de Eros, representa a renovação de todas as coisas. Forças talvez opostas, mas complementares, de modo que da união de ambos nasce Harmonia. Roma, assim, tem o poder de destruir e prover os bens ao mundo. Sobressai a sua presença entre os povos dado que pela sua força marcial, retém quaisquer empecilhos que estejam à sua frente. Rege os dias, de igual modo, pelo calendário que segue e que recebe o nome juliano, até meados do século XVI, por lembrança de seu imperador. De fato, cumpriu-se o que Rômulo pedira aos deuses, na fundação da cidade: “com os auspícios, a vós esta minha obra surja. Haja longa idade a esta e potência à senhora da terra e esteja sob esta o oriente e o ocidente”<sup>77</sup> (OVÍDIO, *Fastos*, VI, 830-832).

---

<sup>77</sup> Excerto dos versos de 830 a 832 do livro VI dos *Fastos*. Assim está o texto em latim: *aūspīcībūs uōbīs hōc mīhī sūrgāt ōpūs. / Lōngā sīt huīc aētās dōmīnaēquē pōtēntiā tērraē, / sītquē sūb hāc ōriēns ōccīdūusquē dīēs.*

## REFERÊNCIAS

AGOSTINHO. **Confissões**. Disponível em:

<<http://faculty.georgetown.edu/jod/latinconf/11.html>>. Acesso em: 11 mar. 2020.

AGOSTINHO. **Confissões**. Disponível em:

<<http://www.augustinus.it/latino/confessionni/index2.htm>> Acesso em: 11 mar. 2020.

AGOSTINHO. **Confissões**. Tradução de Maria Luiza Jardim Amarante; revisão cotejada de acordo com o texto latino por Antonio da Silveira Mendonça. São Paulo: Paulus, 1984.

APOLLODORO. **Biblioteca**. Introduzione, traduzione e note di Marina Cavalli. 1ª ed. Milano: Mondadori, 1998.

ARISTOTE. **Physique**. Texte établi et traduit par Henri Carteron. Paris: Les Belles Lettres, 1926.

AUTENRIETH, Georg. **A Homeric Dictionary**. Translated by Robert Keep. University of Oklahoma Press Norman, 1976.

BAILLY, Anatole. **Dictionnaire Grec-Français**. Édition revue par L. Séchan et P. Chantraine. 4ª ed. Paris: Hachette, 2000.

CANHÃO, Telo Ferreira. **O calendário egípcio**. Revista Cultura [Online], Vol. 23, 2006, pág. 39 - 61, posto online em 17 fev. 2014. Disponível em:  
<<http://journals.openedition.org/cultura/1296>>. Acesso em: 11 mar 2020.

COULANGES, Numa Denis Fustel de. **A Cidade Antiga**. Tradução de Jean Melville. São Paulo: Martin Claret, 2007.

COULANGES, Numa Denis Fustel de. **La Cité Antique**. Paris: Éditeur Durant, 1894.

FILHO, Kepler de Souza Oliveira; SARAIVA, Maria de Fátima Oliveira. **Astronomia e Astrofísica**. Rio Grande do Sul: Departamento de Astronomia, Instituto de Física UFRS, 2014.

FLORENZANO, Maria Beatriz Borba. **Nascer, viver e morrer na Grécia antiga**. São Paulo: Editora Atual, 1996.

FLORUS. **Peruigilium Veneris**. Texte établi et traduit par Robert Schilling. Paris: Les Belles Lettres, 2003.

FRANCO, D. Antonio de Puente y; DIAZ, D. José Francisco. **Historia de las leyes, plebiscitos y senadoconsultos mas notables, desde la fundación de Roma hasta Justiniano**. Madrid: Imprenta de D. Vicente de Lalama, 1840.

GAFFIOT, Félix. **Dictionnaire Latin-Français**. Nouvelle édition revue et augmentée sous la direction de Pierre Flobert. Paris: Hachette, 2000.

GIORDANI, Mário Curtis. **História de Roma**. 16ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

GREGÓRIO XIII. **Bula *Inter Gravissimas***. Disponível em:

<[https://la.wikisource.org/wiki/Inter\\_Gravissimas](https://la.wikisource.org/wiki/Inter_Gravissimas)>. Acesso em: 11 mar. 2020.

GRIMAL, Pierre. **A Civilização Romana**. Tradução de Isabel St. Aubyn. Lisboa: Edições 70, 1984.

GRIMAL, Pierre. **La Civilisation Romaine**. [s.l.]: Ed. Flammarion, 1981.

GRIMAL, Pierre. **Virgílio ou O Segundo Nascimento de Roma**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

HESÍODO. **Os Trabalhos e os Dias**. Tradução, estudo e notas de Luiz Otávio de Figueiredo Mantovaneli. São Paulo: Odysseus Editora, 2011.

HESÍODO. **Teogonia**. Tradução e introdução de Christian Werner. São Paulo: Hedra, 2013.

HESÍODO. **Teogonia**. Estudo e tradução de Jaa Torrano. 2ª ed. São Paulo: Iluminuras, 1991.

HESÍODO. **Teogonia; Trabalhos e Dias**. Tradução de Sueli Maria de Regino. São Paulo: Martin Claret, 2010.

HIGINO (HYGINUS). **Fábulas (*Fabulae*)**. Disponível em:

<<https://latin.packhum.org/loc/1263/1/0#59>>. Acesso em: 11 mar. 2020.

HOMERO. **Ilíada**. Tradução e prefácio de Frederico Lourenço; introdução e apêndices de Peter Jones. 1ª ed. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013 .

HOMERO. **Odisseia**. Tradução e prefácio de Frederico Lourenço; introdução e notas de Bernard Knox. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

HOMERO. **Odisseia**. Tradução, posfácio e notas de Trajano Vieira; ensaio de Italo Calvino. São Paulo: Editora 34, 2014.

LIDELL, Henry; SCOTT, Robert. **Greek-English Lexicon**. 10<sup>a</sup> ed. Oxford: Clarendon Press, 1996.

MARQUES, Manuel Nunes. **Origem e evolução do nosso calendário**. Texto extraído do site <<http://www.mat.uc.pt/~helios/Mestre/H01orige.htm>> e adaptado para português brasileiro em julho de 2006. Acesso em: 11 mar. 2020.

MARQUES JÚNIOR, Milton. **Dicionário da Eneida, de Virgílio - Livro I: Eneias na Líbia**. Pesquisa e organização de Milton Marques Júnior e supervisão de Juvino Alves Maia Júnior. 1<sup>a</sup> ed. João Pessoa: Editoras Ideia/Zarina, 2011.

MIRCEA, Eliade. **Mito e realidade**. Tradução de Pola Civelli. 6<sup>a</sup> ed. São Paulo: Perspectiva, 2016.

MOURÃO, Ronaldo Rogério de Freitas. **Uranografia: descrição do céu**. Com mapas e desenhos do autor. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.

OMERO. **Iliade**. Versione di Rosa Calzecchi Onesti. 2<sup>a</sup> ed. Torino: Giulio Einaudi editore, 1990.

OVÍDIO. **Fastos**. Tradução de Márcio Meirelles Gouvêa Júnior. 1<sup>a</sup> ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

OVIDIO. **I Fasti**. Introduzione e note di Luca Canali, note di Marco Fucecchi. 5<sup>a</sup> ed. Milano: Burriozoli, 2011.

OVIDIO. **Le Metamorfosi**. Cura e traduzione di Mario Scaffidi Abbate. 1<sup>a</sup> ed. Roma: Newton Classici, 2011.

OVÍDIO. **Metamorfoses**. Tradução, introdução e notas de Domingos Lucas Dias. 1<sup>a</sup> ed. São Paulo: Editora 34, 2017.

OVIDIO. **Tristia**. Cura di Nicola Gardini. 1<sup>a</sup> ed. Milano: Mondadori, 1995.

PLUTARCO (Πλούταρχος). **Sobre Ísis e Osíris (Περί Ἰσιδος καὶ Οσίριδος)**. Disponível em: <[https://el.wikisource.org/wiki/Περί\\_Ἰσιδος\\_και\\_Οσίριδος\\_\(Πλούταρχος\)](https://el.wikisource.org/wiki/Περί_Ἰσιδος_και_Οσίριδος_(Πλούταρχος))>. Acesso em: 11 mar. 2020.

POZZER, Katia Maria Paim. **Medir o tempo, um saber mesopotâmico**. NEARCO, Revista Eletrônica de Antiguidade, Vol. 1, 2013, nº1, pág. 13 - 24. Disponível em: <<http://neauerj.com/Nearco/arquivos/numero11/2.pdf>>. Acesso em: 11 mar. 2020.

PUENTE, Francisco Rey. **Os sentidos do tempo em Aristóteles**. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

SANTOS, Carla. **Os números primos de Ishango**. Revista Brasileira Multidisciplinar [Online], Vol. 22, nº2, 2019, pág. 120-130. Disponível em: <<http://revistarebram.com/index.php/revistauniara/article/view/638>>. Acesso em: 11 mar. 2020.

SARAIVA, F. R. dos Santos. **Novíssimo Dicionário Latino-Português**. 12ª ed. Belo Horizonte-Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 2006.

SIN-LÉQI-UNNÍNNI. **Ele que o abismo viu: epopeia de Gilgamesh**. Tradução do acádio, introdução e comentário de Jacyntho Lins Brandão. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

VARRON. **La Langue Latine; Tome II, Livre VI**. Texte établi, traduit et commenté par Pierre Flobert. Paris: Les Belles Lettres, 2003.

VIRGILE. **Les Géorgiques**. Deux traductions françaises avec des sommaires et des notes par une société de professeurs et de latinistes. Paris: Hachette, 1890.

VIRGÍLIO. **Eneida**. Tradução de Carlos Alberto Nunes; organização, apresentação e notas de João Angelo Oliva Neto. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2016.

VIRGILIO. **Eneide**. Traduzione di Luca Canali. 1ª ed. Milano: Mondadori, 1991.

VIRGÍLIO. **Geórgicas; Eneida**. Traduções de Antônio Feliciano de Castilho e Manuel Odorico Mendes. São Paulo: Clássicos Jackson, 1960.

VIRGILIO. **Georgiche**. Introduzione, traduzione e note di Mario Ramous. 6ª ed. Cernusco: Garzanti, 2001.